

A MODA E A EDUCAÇÃO

PAULO MORAIS-ALEXANDRE

BIBLIOTECA
ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA



SEBENTAS | COLECCÃO ARTES DA FUNÇÃO

Título *A Moda e a Educação*
Autor Paulo Morais-Alexandre
Editor Escola Superior de Teatro e Cinema
Amadora Janeiro de 2006

Aos meus filhos José Maria,
António Maria, Manuel Maria e João Maria

O presente texto deriva de uma conferência apresentada na Fundação Portuguesa de Comunicações no dia 7 de Abril de 2005 no âmbito do seminário *Collect & Show: As boas práticas dos museus, galerias e fundações – A educação pela arte*.

Agradecimento: Aos meus estimados amigos Dr^a Luísa Marques e Dr. João Fazenda cuja ajuda foi absolutamente imprescindível na feitura desta edição.

«... il faut une vie pour apprendre l'élégance, et commencer très jeune. A l'amour qu'il voue à ses souliers, à la tragédie que produit une trace de boue sur le poli de leur cuir, un enfant possède l'étoffe d'un futur élégant. A quinze ans, quand ses camarades mettront un point d'honneur à enfourcher les modes pour adolescents et à ne pas se laver, il se singularisera par sa mise et comblera sa famille par une propreté de maniaque. A vingt ans, il hantera tailleurs, chemisiers et bottiers, avant d'aborder une maturité décontractée, trop nourri de préceptes vestimentaires pour s'oublier tout à fait, portant enfin ses vêtements sans y penser et laissant l'inspiration gouverner les accords de sa mise. Résultat obtenu à coups d'erreurs, de conseils familiaux, de consultations auprès d'hommes élégants et de ce je-ne-sais-quoi où interviennent des composants mystérieux – allure, présence, charisme, charme, imagination et goût. Bien s'habiller s'apprend, mais la véritable élégance est instinctive.»

Tatiana Tolstoï¹

¹ - Tatiana Tolstoï – *De l'élégance masculine*, Paris : Éditions Acropole, 1987, p. 26.

Introdução

«*A Moda é o que passa de moda*», terão sido estas as palavras de Gabrielle Chanel quando lhe pediram que definisse este fenómeno². Trata-se do mecanismo que leva à aceleração do consumo. A primeira área onde esta manifestação foi estudada foi no que ao vestuário diz respeito, mas obviamente tal não se restringe apenas a este campo, estendendo-se a todos os consumos, desde o mobiliário até à comida³.

No presente estudo reduz-se a pesquisa à análise do aspecto vestimentar da Moda. Procurar-se-á no entanto inventariar as várias hipóteses de relações entre a questão da educação e os consumos de indumentária, desde a vertente mais formal, à educação menos convencional.

2 - «*La mode c'est ce qui se démode*»

Gabrielle Chanel apud Guillaume Erner – *Victimes de la Mode? : Comment on la crée, pourquoi on la suit*, Paris : Éditions La Découverte, 2004, p.95.

3 - Lembre-se a voga do pudim *Mollotoff* ou mais recentemente o consumo dos kiwis, da rúcula ou do *sushi*.

Este texto é também um pretexto para pedagogicamente dar indicações bibliográficas na área, destinadas a servir de guia a todos os que procuram informação teórica que os leve a aproximações ao estudo da Moda.

Parte I - A educação na área da criação de indumentária

Estamos já muito longe dos tempos em que a aprendizagem do *métier* de criador de indumentária era feita junto de um mestre que ia ensinando os segredos da profissão, embora os aprendizes fossem frequentemente sujeitos a maus tratos:

«...os aprendizes iam suportando o pêso de um trabalho duro de serviços, incompatível com a educação, a ciência do ensino, com a higiene e mesmo, pode-se afirmar, com a moral.

Desviados, constantemente, da atenção profissional, para serem empregados em trabalhos estranhos à oficina, eram, além disso, forçados aos serviços de lim-

peza e obrigatoriedade da condução dos produtos manufacturados a casa dos fregueses.»⁴

A concluir a formação era feito um exame que permitia o exercício da profissão. No entanto, sempre houve quem produzisse indumentária sem integrar o ofício.

O Compromisso e Estatutos da Confraria de Nossa Senhora de Agosto e São Bom Homem situada na sua Capella defronte da Porta Principal da St.^a Sé do Porto. Reformados e declarados no anno de 1787 referentes à profissão de alfaiate denunciavam que:

«... ja exercitando os officiaes sem exame e mais que tudo [...] sem capacidade, intrometendo-se nelle indevidos de diversas occupações, mandando para por em venda publica fazer vestidos de todas a qualidade por pessoas que totalmente ignorão o mecanismo do Officio e já finalmente trabalhando com loja aberta em toda a sorte de obras algumas mulheres que apenas

4 - Emanuel Ribeiro – *Como os nossos avós aprenderam uma profissão*, Gaia : Edições Apolino, 1930, p. 11.

sabem, com acerto, trabalhar na sua costura, do que se segue virem às maons dos Mestres de Officio, repetidas vezes, muitas obras a compor, e a que já não podem dar remedio algum.»⁵.

Para impedir a profissionalização de incompetentes ou meramente dos que ainda não estavam preparados para tal, dos melhores mestres eram eleitos dois juizes a quem competia examinar aqueles que pretendessem aceder àquele ofício:

«1) examinar os Oficiais de Alfaiate que querem trabalhar por conta própria;

2) fazer examinar as pessoas que usam dos restantes officios correlativos, anexos ao de Alfaiate;

3) notificar aqueles que se não quiserem examinar e comunicar-lhes as penas: «se lhes ficharem as portas

5 - *Compromisso e Estatutos da Confraria de Nossa Senhora de Agosto e São Bom Homem situada na sua Capella defronte da Porta Principal da St.ª Sé do Porto. Reformados e declarados no anno de 1787* apud B. Xavier Coutinho – *Exigências e Condicionamento da Nobre Arte de Alfaiataria*, Porto : Grémio Regional dos Industriais de Alfaiataria e Costura do Norte, 1963, p. 7.

das Cazas quaesquer que seião em que trabalha-rem»;...»⁶.

Em 1572 o *Livro dos Regimetos dos Officiais mecanicos da mui nobre e sepre leal cidade de Lixboa* era bem explícito sobre o cariz das provas a que eram submetidos os alfaiates. Estes eram examinados para ver se sabiam «... *bem cortar e fazer hu pelote de quall-quer feição e capa de capelo e hû gibao estofado de dous forros e gizar bem hu gabão sangrado de toda fralda; e pelos examinadores dos calceteiros sera examinado se sabe cortar a fazer huas calças justas e outras imperiais pela ordenaçam permitidas e hus calçois ffranceses se quiser examinarse per poder fazer calças e os dittos calçois; e assi ser examinado de tabardo e capuz atabardado como era obrigado examinar se pelo velho regimento posto que se não costumar*

6 - Idem – ibidem, p. 10.

Este sistema apenas desapareceria em Portugal com a revolução de 25 de Abril de 1974 e a posterior dissolução dos Grémios e Sindicatos Nacionais.

o tal capuz no tabardo; e asi dirá quanto pano he necessario pera cada hua das ditas obras ...»⁷.

Para os alfaiates de “obra de mulheres” era obrigatório saber «... cortar e fazer hu abito de molher de qualquer feição q lhe for mādado e hu coz de vestir e hua fraldilha com avamtagem na traseira e hua cota sainho e m̃to e hu saio a dous debrus; e gizar hua cota de cavallgar e hu saio de m̃gas e gibão de seda sem pedaço; e dirão quanto de pano seda e chamalote he necesario pera cada hua destas obras de molheres ...»⁸.

A partir de meados do século XIX começaram a surgir academias de ensino do corte e costura, entre as quais há a destacar a importante Guerre-Lavigne fundada em 1841 por Alexis Lavigne, escola essa que, mais tarde, se viria a transformar na ESMOD⁹. Na viragem

7 - Livro dos Regimentos dos Officiais mecanicos da mui nobre e sepre leal cidade de Lixboa (1572), Coimbra : Imprensa da Universidade, 1926, p. 242.

8 - Livro dos Regimentos dos Officiais mecanicos da mui nobre e sepre leal cidade de Lixboa (1572), ..., pp. 242-243.

9 - Cf. página ESMOD, endereço: <http://www.esmod.com>. Acedida em 2005, Março, 29.

do século XIX para o século XX o ensino ministrado em academias, de melhor ou pior qualidade, vulgarizou-se embora não desaparecesse a aprendizagem na tarimba oficial, que se mantém até ao presente, veja-se o percurso de Marc Bohan que mais tarde seria nomeado director artístico da Casa Dior, em substituição de Yves Saint-Laurent, que passou pelo treino nos ateliês de Robert Piguet, Molyneux e Patou¹⁰. É facilmente verificável que muitos dos criadores iniciam a sua formação, à maneira antiga, nos negócios da família, assim se passou com Paul Poiret filho de um comerciante de roupa¹¹, Ungaro cuja família estava ligada à alfaiataria¹²,

10 - AA. VV. – *Encyclopédie de la Mode Nathan*, Paris : Éditions Nathan, 1989, p. 32.

11 - Georgina O'Hara Callan – *Dictionary of Fashion and Fashion Designers*, Londres : Thames and Hudson, 1998, p. 188.

Poiret fez a sua aprendizagem no ateliê de Jacques Doucet, tendo este costureiro sido convencido a aceitar o jovem aprendiz a troco da oferta de um cão, pertencente ao pai de Paul Poiret, que aquele criador de moda vinha cobiçando.

Mila Contini – *A Moda : 5000 Anos de Elegância - da antiguidade egípcia aos nossos dias*, Lisboa : Verbo, s.d.

12 - Georgina O'Hara Callan – op. cit., p. 244.

Versace cuja mãe era modista¹³ ou Paco Rabanne cuja mãe era a costureira-chefe na divisão espanhola da Casa Ballenciaga¹⁴.

Continua também a ser comum a chegada de criadores ao mundo da Moda depois de um percurso académico em áreas afins como Jil Sander que estudou Design Têxtil¹⁵; na esfera das Artes Plásticas ou Arquitectura sendo disso exemplo Kenzo que frequentou Belas Artes, só mais tarde se dedicando a estudar Design de Vestuário¹⁶ e Issey Miyake com formação na área do Design Gráfico pela Universidade de Tama, Tóquio¹⁷. Cite-se ainda Paco Rabanne que cursou Arquitectura na École des Beaux-Arts de Paris¹⁸. Alguns dos protagonistas da Moda têm mesmo uma formação académica em nada coincidente com a sua profissão, sendo disso exemplo, Christian Dior que cursou

13- Idem - ibidem, p. 248.

14 - Idem - ibidem, p. 196.

15 - Idem - ibidem, p. 208.

16 - Idem - ibidem, p. 137.

17 - Idem - ibidem, p. 144.

18 - Idem - ibidem, p. 196.

Ciência Política¹⁹, André Courrèges que chegou a iniciar uma carreira como engenheiro civil²⁰ ou Giorgio Armani que estudou Medicina na Universidade de Milão²¹.

Relativamente ao ensino ministrado em academias foi extremamente importante o contributo de Paul Poiret. Este costureiro parisiense, além do seu inegável talento como criador e de ter sido um dos fundadores da Chambre Syndicale de la Couture, foi o fundador da École d'Art Décoratif «Martine»²², a primeira instituição de ensino na área da Alta Costura.

Em França continua a ser importante a ESMOD, École Supérieure des Arts et Techniques de la Mode que entretanto se expandiu para várias cidades francesas, conhecendo mesmo uma expansão internacional com *franchises* em países como Alemanha, Noruega,

19 - Idem - ibidem, p. 83.

20 - Idem - ibidem, p. 72.

21 - Idem - ibidem, p. 17.

22 - Paul Poiret – *En habillant l'époque*, Paris : Librairie Grasset, 1930, p. 146.

Marrocos, Tunísia, Tailândia, Japão e Coreia²³ e sobretudo a École de la Chambre Syndicale de la Haute Couture, em Paris, por onde passaram alguns dos mais importantes criadores da actualidade como Valentino ou Per Spook²⁴.

Em Inglaterra a escola de referência é a St. Martin's School of Art de Londres, que formou entre outros John Galliano, Alexander McQueen ou Stella McCartney²⁵. Alguns portugueses frequentaram esta escola como Manuela Gonçalves e Helena Redondo²⁶. António

23 - Cf. página *ESMOD*, endereço: <http://www.esmod.com>. Acedida em 2005, Março, 29.

24 - Georgina O'Hara Callan – op. cit., pp. 223 e 246.

25 - Em 1989 esta escola, fundada em 1854, fundiu-se com a Central School of Arts & Crafts, daí resultando a Central Saint Martins College of Art and Design.

Cf. página *Central Saint Martins College of Art and Design*, endereço: <http://www.csm.arts.ac.uk/textsite/history.asp>. Acedida em 2005, Março, 29.

Alguns portugueses frequentaram este estabelecimento de ensino, como Manuela Gonçalves e Helena Redondo.

Teresa Coelho e Maria Assunção Avillez – *A Moda em Portugal nos últimos trinta anos*, Lisboa : Edições Rolim, 1987, p. 141.

26 - Idem - *ibidem*, p. 141.

Augustus frequentou a Olympian Fashion School também em Londres²⁷.

Em Nova York refira-se a Parsons School of Design onde estudaram Donna Karan, Bill Blass ou Claire McCardel²⁸ e o Fashion Institute of Technology que diplomou Calvin Klein e Michael Kors²⁹.

No Japão a mais importante escola de Design de Moda é a Bunka Fusuko Gakuen onde Kenzo e Yohji Yamamoto cursaram³⁰.

Em Portugal o ensino da Moda encontra-se estabelecido em vários patamares, sendo a década de oitenta fulcral.

Em 1981, por protocolo celebrado entre o Instituto do Emprego e Formação Profissional e a Associação Portuguesa dos Industriais de Vestuário, surgiu o CIVEC, Centro de Formação Profissional da Indústria

27 - Idem - ibidem, p. 114.

28 - Georgina O'Hara Callan – op. cit., pp. 34, 136 e 160.

29 - Idem - ibidem, pp. 140 e 142.

30 - AA. VV. – *Encyclopédie de la Mode Nathan*, ., pp. 114 e 229.

de Vestuário e Confeção, destinado à formação nas diversas áreas da indústria do vestuário, da modelagem ao Design de Moda, com uma multiplicidade de acções de formação, desde a aprendizagem básica, à reciclagem³¹. No mesmo ano, no Porto, nasceria o CITEX, Centro de Formação Profissional da Indústria Têxtil, também decorrente de um protocolo, desta feita estabelecido entre o Fundo de Desenvolvimento da Mão-de-Obra, a Associação Portuguesa das Indústrias de Malha, a Associação Nacional das Indústrias de Vestuário e Confeção e a Associação Nacional das Indústrias Têxteis Algodoeiras e Fibras³². Refira-se na mesma década a existência da escola Majestil.

O IADE, Instituto de Artes Visuais, Design e Marketing³³, fundou em 1984 uma formação na área do Design de Moda, tendo o primeiro curso arrancado em

31 - Cf. página *CIVEC*, endereço: <http://www.iade.pt>. Acedida em 2005, Março, 14.

32 - Cf. página *CITEX*, endereço: <http://www.citex.pt>. Acedida em 2005, Março, 14.

33 - Cf. página *IADE*, endereço: <http://www.iade.pt>. Acedida em 2005, Março, 31.

1984 e ficado concluído em 1987. Este obteve um considerável sucesso, o que cedo levou ao aumento do número de turmas. Duraria até à década de noventa, data em que, com um corpo docente, salvo honrosas excepções, desligado da indústria e a notória desilusão das expectativas de emprego por parte dos que o haviam cursado, desapareceria por falta de inscrições.

Um novo patamar passou pela atribuição de graus académicos a cursos na área do Design, Confecção e Produção de Moda.

As escolas profissionais passaram a poder associar aos diplomas conferidos uma progressão escolar equivalente aos 2.º e 3.º ciclos do ensino básico, bem como do ensino secundário, paralelamente à certificação profissional relativa à formação de níveis 1, 2 e 3³⁴.

A Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa criou o curso de Arquitectura da Moda que conferia o grau de licenciatura, ficando aberta a possibilidade de mestrados e doutoramentos na

34 - Cf. página *CITEX*, endereço: <http://www.citex.pt>. Acedida em 2005, Março, 14.

área. Os professores foram procurados entre os profissionais com algum reconhecimento na área, alguns dos quais com formação no estrangeiro, mas muitas vezes sem quaisquer graus académicos³⁵.

Esta mudança proporcionou uma importante evolução no estatuto social do produtor de moda, passando a existir claramente uma divisão entre os aspectos técnicos e o acto criador.

Coevo do aparecimento das escolas de moda foi a publicação de obras destinadas quer à formação profissional, quer à auto-formação, nomeadamente tratados de corte. Portugal começou por importar estas obras, como o *Cours de Coupe de la Mode Pratique*³⁶ (figs. 1 e 2) ou a muito reeditada *Encyclopédie des Ouvrages de Dames* de Thérèse de Dillmont³⁷ que teve grande circulação.

35 - Conforme Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, endereço: <http://www.fa.utl.pt>.

36 - *Cours de Coupe de la Mode Pratique : Pour faire soi-même ses robes, ses manteaux*, Paris : Hachette & C.^{ie}, s.d..

37 - Thérèse de Dillmont - *Encyclopédie des Ouvrages de Dames*, Paris : Librairie Ch. Delagrave, s.d..

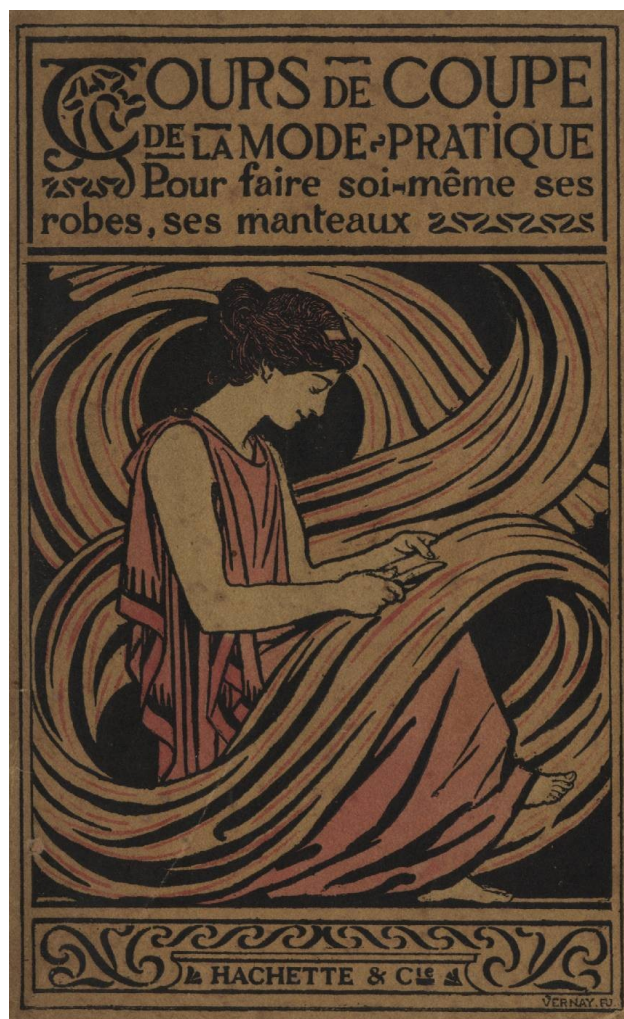


Fig. 1 – Capa do livro *Cours de Coupe de la Mode*.



Fig. 2 – Traje de Ama no livro *Cours de Coupe de la Mode Pratique*.

Posteriormente, e conscientes das potencialidades deste mercado, as editoras optaram por traduzir alguns dos mais significativos manuais franceses, como o da

autoria da filha do fundador da escola Guerre-Lavigne, posteriormente ESMOD e sua sucessora na direcção daquela instituição, Alice Guerre - *Méthodo de Corte : ou a maneira de qualquer senhora fazer, por suas mãos, todo o seu vestuário*³⁸ (fig. 3).

Por fim começaram a ser publicados manuais de génese portuguesa como o *Método de Corte : A Arte e a Técnica de cortar e provar o vestuário feminino e infantil* de Fernando Baptista de Oliveira³⁹ (fig. 4), autor de uma extensa bibliografia na área, da qual se destaca ainda *A Arte e Coser e Bordar*⁴⁰, passando por obras bem

38 - Madame Alice Guerre - *Méthodo de Corte : ou a maneira de qualquer senhora fazer, por suas mãos, todo o seu vestuário*, Lisboa : Empresa Literária Universal, s.d..

Cite-se ainda:

Arlette Duval - *A Modista em 30 dias : ou a costureira e si mesma*, Lisboa : Empresa Literária Universal, s.d..

Joseph Schepens – *Tratado de Côte : para uso dos operarios alfayates*, Lisboa : Parceria Antonio Maria Pereira, 1926 (3.ª edição).

39 - F. Baptista de Oliveira - *Método de Corte : A Arte e a Técnica de cortar e provar o vestuário feminino e infantil*, Lisboa : Editorial «O Século», 1955.

40 - F. Baptista de Oliveira – *A Arte de Coser e Bordar*, Lisboa: Editorial «O Século», s.d..



Fig. 3 – Medidas necessárias para cortar uma camisa de homem segundo a obra *Méthodo de Corte : ou a maneira de qualquer senhora fazer, por suas mãos, todo o seu vestuário.*

mais simples como *Corte e Costura* de Libânia da Fonseca Ranito, publicada sob o pseudónimo afrancesado

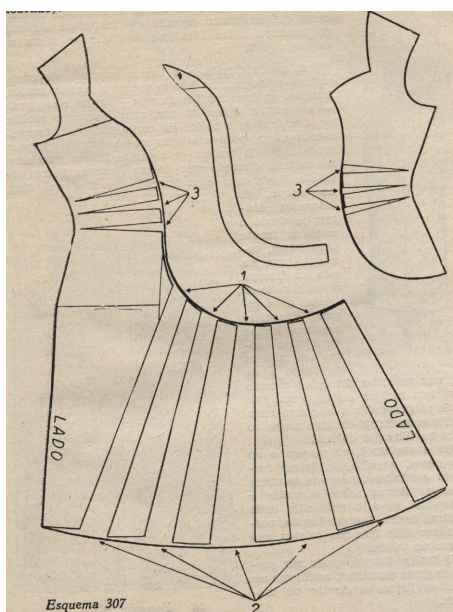


Fig. 4 – Esquema para Vestido segundo a obra *Método de Corte : A arte e a técnica de cortar e provar o vestuário feminino e infantil.*

de Madame Ainabil⁴¹, podendo ainda ser citado o livro

41 - Madame Ainabil (Libânia da Fonseca Ranito) – *Corte e Costura*, Porto : Porto Editora Ld.^a, s.d..

de Silvina Rosária Rodrigues – *Método de Corte*⁴², entre muitos outros.

Parte II - As regras da indumentária e a formação do gosto

Fora do âmbito do ensino convencional abre-se todo um leque de formações ao nível do gosto⁴³.

Antes de mais registre-se que sendo o vestuário uma área passível de comunicação, podem ser encontrados vários patamares ou graus de conhecimento da linguagem vestimentar, o que pode ser alvo de análise e crítica⁴⁴. Tal tem obviamente implicações sociais, funcionando de forma muito semelhante à maior ou menor elaboração da comunicação verbal.

42 - Silvina Rosária Rodrigues – *Método de Corte*, Lisboa : Escola Normal de Corte «Siva», 1957 (2.ª edição).

43 - Veja-se a este respeito o trabalho fundamental, embora bastante datado, de Gillo Dorfles - *As Oscilações do Gosto : A Arte de Hoje entre a Tecnoocracia e o Consumismo*, Lisboa : Livros Horizonte, 2001.

44 - Veja-se a este propósito as obras:

Alison Lurie - *The Language of Clothes*, Londres : Bloombury Publishing, 1992.

Anna Maria Curcio - *La Moda : Identità Negata*, Milão : Franco Angeli, 1994.

Nicola Squicciarino – *El Vestido Habla : Consideraciones Psicosociológicas sobre la Indumentaria*, Madrid : Ediciones Cátedra, 1990.

Ruth P. Rubinstein – *Dress Codes : Meanings and Messages in American Culture*, Oxford : Westview Press, 2001 (2.ª edição).

Toby Fisher-Mirkin – *O Código do Vestir : Os significados ocultos da Roupa Feminina*, Rio de Janeiro : Rocco, 2001.

As regras do uso da indumentária não são universais, nem imutáveis, conhecendo variações geográficas e sofrendo alterações diacrónicas. Os mesmos consumos em épocas diversas podem e geralmente indiciam situações diversas. A título de exemplo seja citado o habitual caso da utilização das calças de ganga, com significados completamente diferentes consoante a época e o contexto em que são usadas⁴⁵.

Não cumpre aqui escrever sobre as diferentes posturas em relação à Moda⁴⁶, mas apenas da capacidade de dominar a linguagem da indumentária e obviamente da sua utilização correcta ou da sua subversão⁴⁷.

45 - Veja-se a este respeito de Noel Graveline – *Jeans : Levi's Story*, Genève-Paris : Éditions Minerva SA, 1990.

46 - Considera-se que existem cinco posturas tipo em relação à Moda, embora se possa também considerar que tais categorias não são estanques e que podem existir hibridismos.

Rejeição da Moda;

Indiferença em relação à Moda;

Pronunciado classicismo;

Adesão às diferentes Modas;

Adesão empática apenas a uma moda.

Veja-se a este respeito o texto de Paulo Morais - “O Homem Vestido” in Almerindo Lessa (coord.) - *Leituras do Homem*, Lisboa : Editora Internacional, 1998.

47 - Lembre-se que a linguagem vestimentar, à semelhança de outras linguagens, apresenta a possibilidade da comunicação de não verdades.

Há desde logo a formação de uma linguagem que se constitui empiricamente através de mimetismo: a aprendizagem no seio da família.

Neste estágio admite-se que alguns ganhem consciência deste fenómeno e adquiram o domínio da linguagem e mesmo a capacidade de a manipular, enquanto que outros jamais terão qualquer espécie de preocupação sobre este assunto.

O recente desenvolvimento das técnicas publicitárias e de marketing, aplicadas à área da indústria do vestuário, acessórios e afins, nomeadamente para o público masculino, serviu em muito para despertar uma consciência crítica, embora por outro lado tenha apresentado soluções fáceis.

Alguns buscarão “evoluir”, através da auto-formação, através da observação, copiando os consumos daqueles que são tomados como modelos, quer de uma forma mais difícil através da observação directa, quer pela via mais simples, através da imprensa, nomeadamente da dita imprensa “cor-de-rosa”, copiando

peças, conjuntos, ou guarda-roupas de putativas celebridades⁴⁸. Infelizmente verifica-se que estas ditas “pessoas famosas” são muito frequentemente desconhecedoras das regras básicas da utilização da indumentária.

Outros que querem aprofundar estes conhecimentos recorrerão a bibliografia especializada, mais ou menos erudita.

Ao nível da menos erudita sejam citados, no presente, os escritos de Ana de São Gião⁴⁹ ou de Paula Bobone⁵⁰, criticados e às vezes até desprezados por uma elite bem pensante, mas que se filiam numa antiga tradição tratadística, que conheceu e, pelos vistos, mantém os favores de um público ávido não só do domínio das

48 - A este nível a televisão teve e tem um papel extremamente importante, sendo possível perceber que a introdução em Portugal da televisão a cores teve como consequência a modificação dos consumos, quer ao nível cromático, quer mesmo ao nível formal.
António Augustus – sub voce, Lisboa : 2005, Abril, 7.

49 - Ana São Gião – *Etiqueta e Boas Maneiras : Cortesia e civilidade na vida moderna*, Lisboa : Edições 70, 1992.

50 - Paula Bobone – *Dicionário de Etiqueta : Regras para bem viver em sociedade*, Lisboa : Impala, 2004.

Paula Bobone – *Profissionalmente Correcto*, Venda Nova : Bertrand, 2000 (2.^a edição).

Paula Bobone – *Socialmente Correcto*, Venda Nova : Bertrand, 2004 (19.^a edição).

regras da indumentária, mas sobretudo de uma ascensão social.

Para citar apenas um número limitado de exemplos, entre uma miríade de publicações, refira-se a obra da Baronesa Staffe – *Règles du Savoir-Vivre dans la Société Moderne*, que em 1891 havia já conhecido cinquenta e nove edições⁵¹ (fig. 5).

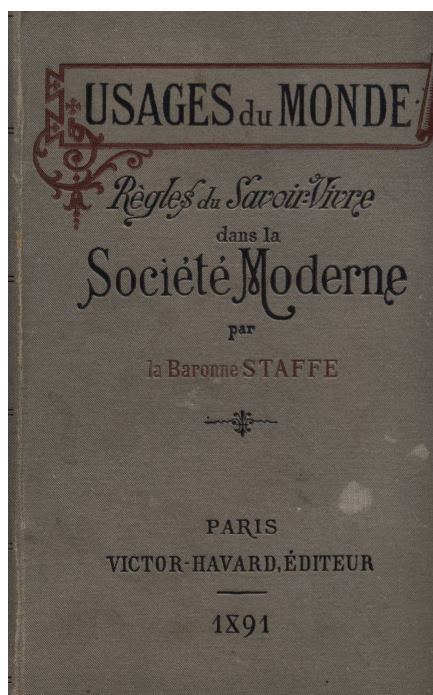


Fig. 5 – Capa da obra de *Règles du Savoir-Vivre dans la Société Moderne*.

51 - Baronesa de Staffe – *Règles du Savoir-Vivre dans la Société Moderne*, Paris : Victor-Havard Éditeur, 1891 (59.^a edição).

Em 1911, sob direcção de Marie-Anne l'Heureux era publicada em Paris a obra *Pour bien s'habiller*, de grande circulação, que elencava as mais importantes regras a ser seguidas ao nível da indumentária, embora



Fig. 6 – Página hors texte da obra de *Pour bien s'habiller*.

com o erro de considerar quase imutáveis as regras ditas da *toilette*, que erroneamente equiparava a regras científicas⁵² (fig. 6).

Em Portugal a obra de Beatriz Nazaré – *Manual de Civilidade e Etiqueta*, editada sensivelmente na mesma altura conheceu também um sucesso à escala do país e em 1914 tinha já conhecido nove edições⁵³ e a obra *Socialmente Correcto* de Paula Bobone em 2004 já havia merecido à editora Bertrand dezanove edições.

As obras que explicam as regras de indumentária não se atêm apenas ao caso feminino, havendo também incontáveis manuais de elegância masculina, como o de Sevim Akmen - *O Perfeito Cavalheiro : Guia prático*

52 - «... si l'on me renvoie la célèbre définition d'Aristote : «Il n'y a pas de science des choses qui passent» je triomphe, car nous ne parlons pas ici des choses qui passent, mais de celles qui durent ; nous ne parlons pas de mode, mais toilette.

Or, il y a une grande, une essentielle différence.

Je vais vous dire – comme les raseurs de salon - «Suivez bien mon raisonnement». La toilette féminine est aujourd'hui le résultat d'un lent, mais sûr progrès, accompli à travers des évolutions infinies. Elle est régie par des lois fixes que l'on doit connaître sous peine de tomber dans les extravagances de la mode, ce qui n'arrive jamais à une femme élégante.»

Marie-Anne l'Heureux (dir.) – *Pour bien s'habiller*, Paris : Pierre Lafitte & Cie., 1911, p. 4.

53 - Beatriz Nazaré – *Manual de Civilidade e Etiqueta*, Lisboa : Arnaldo Bordalo, 1914 (9.^a edição).

para todas as emergências na vida⁵⁴ que refere entre outros conselhos que «A roupa interior deve ser mudada frequentemente. É tolice fixar dias certos»⁵⁵ publicando ainda uma ilustração relativa aos vários modos de ajustar os laços e as gravatas⁵⁶ (fig. 7).

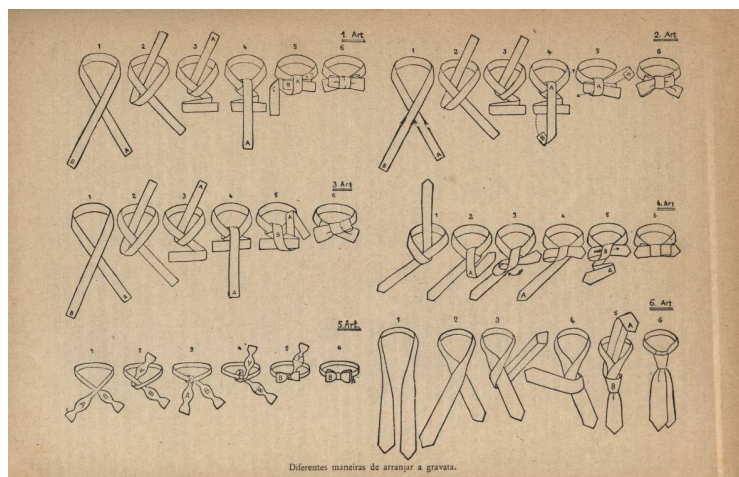


Fig. 7 – Ilustração da obra *O Perfeito Cavalheiro : Guia prático para todas as emergências na vida*.

54 - Sevim Akmen - *O Perfeito Cavalheiro : Guia prático para todas as emergências na vida*, Porto : Edição da autora, 1949.

55 - Idem – ibidem, p. 156.

56- Idem – ibidem, p. 43.

Cite-se ainda uma curiosa publicação de 1975 sob o título de *O guia do Homem Elegante* que, entre outros conselhos, prescrevia que a roupa interior além de dever «... *estar sempre limpa, lavada muito frequentemente, sem malhas caídas, nem costuras descosidas. [...] deve ligar bem; isto é: as duas peças devem ser da mesma*

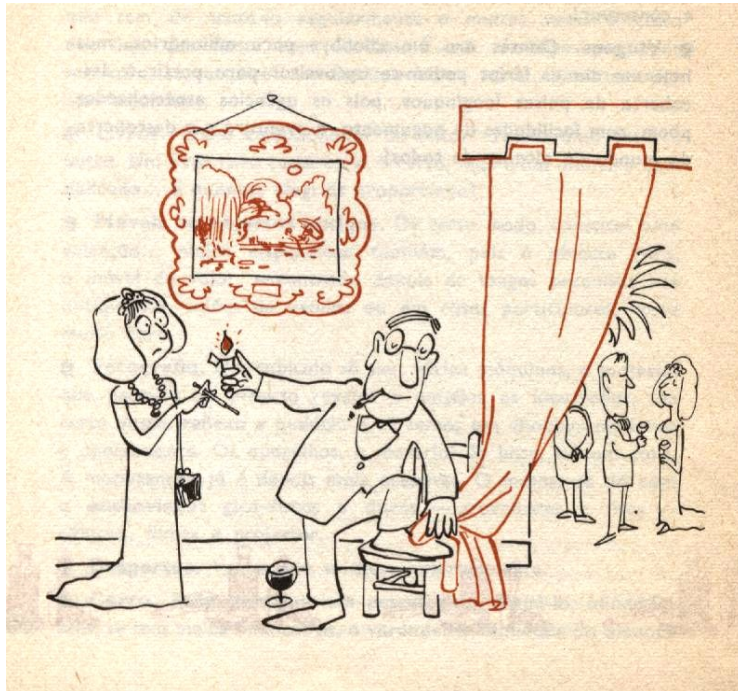


Fig. 8 – Ilustração de Lucien Meys incluída na obra *O guia do Homem Elegante*.

cor e não, por exemplo, a camisola cor de salmão e o «slip» verde-maçã.»⁵⁷ Não se atinha apenas à indumentária e alguns desportos eram recomendados como o Bobsleig: «Se gosta da velocidade; se goza de óptima saúde e bom domínio de nervos.» Em compensação, o boxe não era aconselhável: «Se é cardíaco, asmático; se tem mais de 30 anos; se a sua profissão o obriga a ter sempre apresentação ou as mãos muito arranjadas.»⁵⁸ (fig. 8).

Em 1987 Laurent Fauvel actualizava as regras a seguir pelo aprendiz de elegante em *Smoking, Jean et Peignoir de Soie : Guide de l'élégance masculine* com um interessante teste de definição das diferentes postu-

57 - Florianne Prévot – *O guia do Homem Elegante*, s. l. : Marabu Notícias, 1975, p. 140.

58 - Idem - *ibidem*, pp. 128-129.

Bernhard Roetzel – *El caballero : Manual de moda masculina clásica*, Colónia : Könemann, 1999.

Gloria Kalil – *Chic Homem : Manual de Moda e Estilo*, São Paulo : Editora Senac, 2004 (13.^a edição).

ras em relação à moda antecedendo os conselhos⁵⁹ (fig. 9).

Registe-se ainda que alguns cursos têm explorado esta vertente, embora com menor sucesso. Na década de oitenta do século XX, uma antiga modelo Helena Napo-

59 - Laurent Fauvel – *Smoking, Jean et Peignoir de Soie : Guide de l'élégance masculine*, Paris : Éditions Albin Michel, 1987, pp. 14-15.

Cite-se ainda:

Bernard Lanvin – *Le Guide de l'élégance au masculin*, s. l. : Hachette, 1987.

Paul Keers – *A Gentleman's Wardrobe : Classic Clothes and the Modern Man*, Londres : Weidenfeld & Nicolson, 1987

Tatiana Tolstoï – *De l'élégance masculine*, Paris : Éditions Acropole, 1987.

Esta obra apresenta uma escala de gravidade dos erros cometidos no vestuário:

«*Erreur sans importance [...] Erreurs qui peuvent être délicieuses quand elles sont commises exprès [...] Erreurs irritantes [...] Erreurs qui produisent une gêne [...] Erreurs pathétiques [...] Erreurs effrayantes [...] Erreurs répugnantes [...] Abominations absolues ...*».

Idem – *ibidem*, pp. 59-60.

Bernhard Roetzel – *El caballero : Manual de moda masculina clásica*, Colónia : Könemann, 1999.

Gloria Kalil – *Chic Homem : Manual de Moda e Estilo*, São Paulo : Editora Senac, 2004 (13.^a edição).

leão lançou cursos destinados a formar manequins de *passerelle* e fotográficos, mas incluindo nos destinatários aqueles que queriam aprender algumas regras de “postura e valorização pessoal” e onde algumas das componentes lectivas eram alusivas às regras do vestuário.

Ao nível mais erudito cite-se o seminal e importante tratado de Baldassar Castiglione – *Il Cortegiano*⁶⁰, que abrangia todos os aspectos fundamentais para o aristocrata que quisesse singrar junto a uma corte e onde um dos aspectos importantes era sem dúvida a escolha da indumentária acertada.

Um dos desejos do Imperador Napoleão Bonaparte era exactamente fazer reviver os fastos da corte francesa do tempo do Antigo Regime⁶¹. Para a compreensão das regras e etiquetas da corte recorreu a personalidades que tinham estado implicadas na monarquia.

60 - Baldassar Castiglione – *Il Cortegiano*, Milão : Edizioni Garzanti, edição de 1941.

A primeira edição é de 1528, embora alguns textos houvessem já sido publicados anteriormente.

61 - Acredite-se que tal desiderato não era meramente fútil, mas implicava uma estratégia política.

A sua irmã, a grande-duquesa Elisa, obrigada a viver em Corte recorreu a Madame de Genlis, a antiga preceptora dos filhos do duque d'Orleans que para ela redigiu uma série de cartas reunidas sob a designação *De l'esprit des étiquettes*, onde historiava o cerimonial da Corte de Louis XV⁶² que deveria servir de modelo. Embora redigidas como se de memórias se tratasse, há indicações bem claras relativas a todos os aspectos da vida social, desde a postura do corpo, a utilização da voz, bem como aos tipos de traje apropriados a cada ocasião, numa obra de carácter pedagógico bem marcado⁶³.

Dos livros publicados a este respeito no século XIX, não pode ser deixado de citar o importante *Traité de la Vie Élégante* de Honoré de Balzac⁶⁴ que partindo dos sete pecados capitais e das três virtudes teologais

62 - Madame de Genlis - *De l'esprit des étiquettes*, s. l. : Mercure de France, 1996.

63 - Idem – ibidem, p. 8.

Esta mesma autora publicaria posteriormente, em 1818, um *Dictionnaire des étiquettes*.

64 - H. de Balzac – *Traité de la vie élégante : Physiologie du routier de Paris : Physiologie de l'employé : Les Boulevards de Paris*, Paris : Bibliopolis, 1911.

ensinadas pela Igreja, estabelece sete princípios de contrição e três fontes de consolação, a partir dos quais afirma poder extrair o seguinte axioma que considera confirmado por «... *tous les dictionnaires des cas de conscience* :

[...]

Le bien n'a qu'un mode, le mal en a mille.

Ainsi la vie élégante a ses péchés capitaux et ses trois vertus cardinales. Oui l'élégance est une et indivisible, comme la Trinité, comme la liberté, comme la vertu.»⁶⁵.

Ao estabelecer a verdadeira elegância não pôde deixar de perorar contra o dandismo que reputa de heresia da vida elegante, já que, é uma afectação da moda: «*En se faisant dandy, un homme devient un meuble de boudoir, un mannequin extrêmement ingénieux, qui peut se poser sur un cheval ou sur un canapé, qui mord au tette habituellement le bout d'une canne, mais un être pensant? ... jamais! L'homme que ne voit que la mode dans la mode est un sot.»⁶⁶.*

65 - Idem – ibidem, p. 59.

66 - Idem – ibidem, pp. 73-74.

Em Portugal foram várias as obras vocacionadas para uma educação do gosto, por vezes fundando a argumentação na insensatez das modas em voga. Cite-se o exemplo de Nicolau Tolentino que, através dos seus sonetos, criticou algumas das modas mais exageradas, nomeadamente os gigantescos toucados usados em França no tempo de Louis XVI que foram importados e conheceram algum sucesso⁶⁷.

67 - «*Chaves na mão, melena desgrehada,
batendo o pé na casa, a mãe ordena
que o furtado colchão fofo e de pena,
a filha o ponha ali ou a criada.
A filha, moça esbelta e aperaltada,
lhe diz coa doce voz que o ar serena:
“Sumiu-se-lhe um colchão? É forte pena;
olhe não fique a casa arruinada...”
- “Tu respondes assim? Tu zombas disto?
Tu cuidas que, por ter pai embarcado,
já a mãe não tem mãos?” E, dizendo isto,
arremete-lhe à cara e ao penteado.
Eis senão quando (caso nunca visto!)
sai-lhe o colchão de dentro do toucado!...»*

Nicolau Tolentino - “O Colchão dentro do toucado” apud Augusto C. Pires de Lima – *Obras Selectas de Nicolau Tolentino*, Porto : Domingos Barreira, s.d., pp. 64-65.

A crítica das modas foi uma temática frequentemente abordada pela literatura de cordel, com a edição de vários títulos bastante críticos à indumentária usada pelos “peraltas”, “casquilhos” e “xibantões” como a *Satyra em louvor das modas ou Escudo de Peraltice* assinada com o monograma F. M. G. S. M.⁶⁸ (fig. 10), a

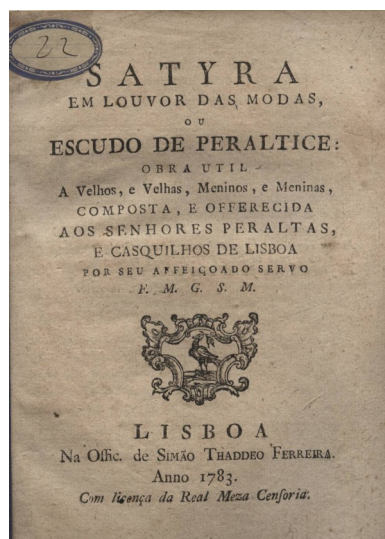


Fig. 10 – Página de rosto da obra *Satyra em louvor das modas ou Escudo de Peraltice*.

68 - F. M. G. S. M. – *Satyra em louvor das modas ou Escudo de Peraltice*, Lisboa : Officina de Simão Thadeo Ferreira, 1783.

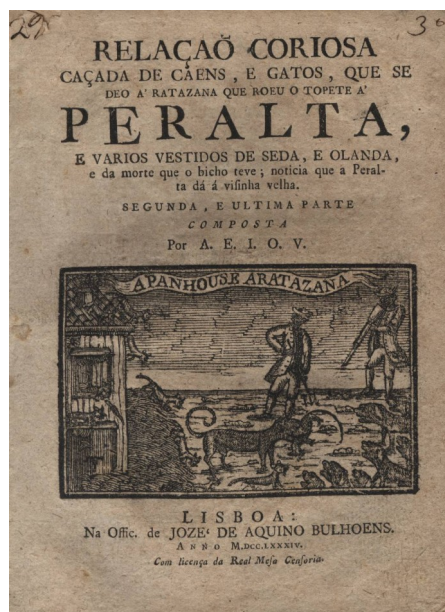


Fig. 11 – Página de rosto da obra *Relaçam coriosa Caçada de caens e gatos, que se deo a ratazana que roeu o topete à Peralta, e varios vestidos de seda, e Olanda e da morte que o bicho teve; noticia que a Peralta dá à vizinha velha : segunda, e ultima parte.*

Relaçam coriosa Caçada de caens e gatos, que se deo a ratazana que roeu o topete à Peralta, e varios vestidos de seda, e Olanda e da morte que o bicho teve; noticia que a Peralta dá à vizinha velha : segunda, e ultima

parte, assinada A. E. J. O. V.⁶⁹ (fig. 11) ou a *Nova critica em que se mostra a figura de hum Peralta*⁷⁰ (fig. 12).

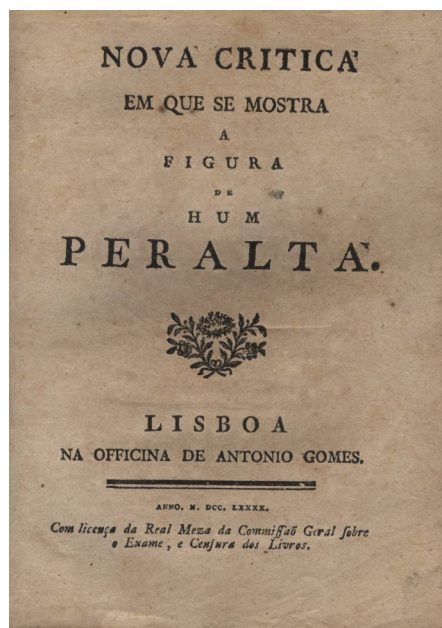


Fig. 12 – Página de rosto de *Nova critica em que se mostra a figura de hum Peralta*.

69 - A. E. J. O. V. – *Relaçam curiosa Caçada de caens e gatos, que se deo a ratazana que roeu o topete à Peralta, e varios vestidos de seda, e Olanda e da morte que o bicho teve; noticia que a Peralta dá à vizinha velha : segunda, e ultima parte*, Lisboa : Officina de Joze Aquino de Bulhoens, 1784.

70 - *Nova critica em que se mostra a figura de hum Peralta*, Lisboa : Officina de Antonio Gomes, 1790.

Cite-se ainda:

Carta terceira que mandou hum pay a seu filho Peralta, e relação dos enganos desta corte, Lisboa : Officina da Viuv. de Ignacio Nog. Xisto, 1771.

A. E. J. O. V. – *Relaçam curiosa Lagrimas da Peralta, pelo sentimento que teve de huma ratazana lhe roer o topete, e varios vestidos de seda, queixas que faz a huma vizinha velha, E os bons conselhos com que esta consola o seu disgosto*, Lisboa: Officina de Filipe da Silva e Azevedo, 1784.

Mas o que era criticável num peralta? Segundo a *Nova palestra que teve hum velho campones por nome Trifonio com um peralta de Lisboa por nome Belmiro*, da autoria de Bento Alves Coutinho, publicada em 1785, tudo:

«[...]

*Vejo os Homens com tantos disparates,
Que mais que Homens parecem bonifrates,
Comecêmos nos pés; saõ as fivélas,
Como quaisquer caxilhos de Janellas,
Naõ sei se saõ de prata ou de estanho,
Sei que saõ monstruozas no tamanho,
Os sapatos, bem pouco se lhe vê,
Que as tais plácas tomaõ todo o pé,
E em lugar de branca ou preta meya,
Uzaõ de humas de pèlle de moreya,
Pois os Calçoens que chamaõ á Malteza,
Esses tem entaçõ toda a largueza,
E há tollos que gastem o seu dinheiro?
Em calçoens como folles de Ferreiro?*

*Mas o que excedem de largos e compridos,
He o que tem demenos nos vestidos,
As vestes, saõ jalecos marujães,
Que cobrem o embigo, e nada mais,
Sem mangas e sem ábas, naõ he engano,
Costas de Olanda crúa, e o mais he pano,
A cazaquinha curta e apertada,
O canhaõ pequenino e atras puxada,
Pois os botoens hã tal asneira
Naõ saõ botoens saõ pregos de cadeira
E o enxouriçado pescosinho
E a altura fatal do coleirinho
Faz o pescoço em fim, de tal grossura
Que parece mais grosso que a cintura
Subamos á cabeça ai meus pecados
Nunca vi taõ enormes pentiados
O quanto feios saõ naõ sei dizello,
Parece carapinha e naõ cabelo
E humas bolsas que quaze tudo he lasso
Que trazem penduradas no caxaço
E o xapeo ha tal disparidade*

Que mal cabe nas ruas da Cidade ...»⁷¹.

No ano da tomada da Bastilha o panorama continuava bastante semelhante, como o provam as extremamente críticas *Cartas sobre as Modas*⁷², então editadas:

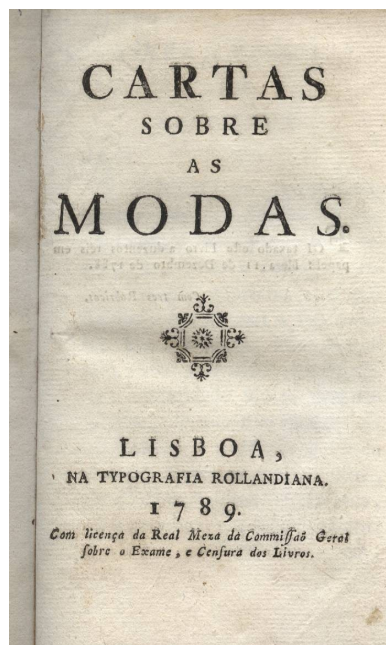


Fig. 13 – Página de rosto da obra *Cartas sobre as Modas*.

71 - Bento Alves Coutinho - *Nova palestra que teve hum velho campones por nome Trifonio com um peralta de Lisboa por nome Belmiro*, Lisboa : Officina de Fillipe da Silva e Azevedo, 1785, pp. 3-4.

72 - *Cartas sobre as Modas*, Lisboa : Typografia Rollandiana, 1789.

«Como presumo que não terá ouvido a palavra *peraltas*, e não saberá o que significa, lhe direi a sua definição: *Peraltas* são huns animaes com figura humana, que constituem huma nova especie entre racional, e irracional, e a que he proprio tudo o mais indigno, e ridiculo, que se póde imaginar.»⁷³ (fig. 13).

Cite-se ainda a obra *Elementos da Civilidade e da Decencia* editada em 1801, com a informação de ser traduzida «... do francez ...», mas sem indicação de autoria, destinado à «... instrução da mocidade de ambos os sexos ...» cuja primeira parte contém logo no capítulo primeiro «*Da honesta composição do corpo, e dos vestidos, e aceio*»⁷⁴, onde é afirmado que «*Devemos conformar-nos com a moda: porém he preciso que evitemos estes dous extremos viciosos, que vem a ser a affectação, e a negligencia: por isso não devemos ser dos primeiros em seguilla, nem dos ultimos em deixalla.*»⁷⁵.

73 - Idem - ibidem, pp. 25-26.

74 - *Elementos da Civilidade e da Decencia*, Lisboa : Typografia Rollandiana, 1801, p. 1.

75 - Idem - ibidem, p. 7.

Em 1828 este tema era retomado por D. João de N. Senhora da Porta Sequeira (fig. 14):

«Podemos seguir as modas, mas não sermos inventores dellas. nem os primeiros em tomallas, ou os ultimos em deixallas; seguindo em todas a gravidade, e a mediania, em que consiste a virtude, e a boa educação.»⁷⁶.

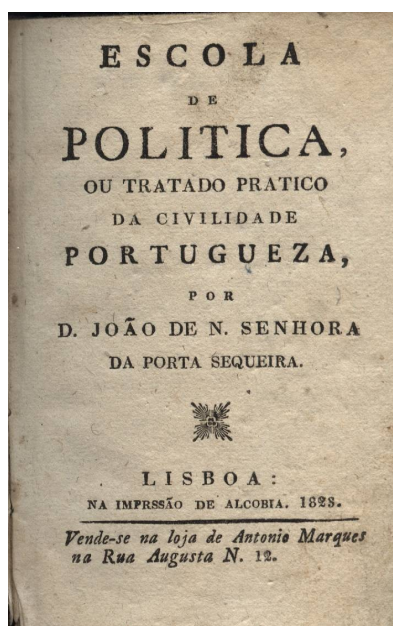


Fig. 14 – Página de rosto da obra *Escola de Politica, ou Tratado Pratico da Civilidade Portugueza*.

76 - João de N. Senhora da Porta Sequeira – *Escola de Politica, ou Tratado Pratico da Civilidade Portugueza*, Lisboa : Impressão de Alcobia, 1828, p. 158.

Mas este autor ia mais longe, prescrevia a estrita observância das leis e pragmáticas e marcava as diferenças sociais, de estado civil e etário:

*«As mulheres tambem se devem conformar ás leis, e regular os vestidos e enfeites, segundo o seu estado, qualidade, condição, e principalmente segundo as maximas, e regras da modestia. Às senhoras illustres, e distinctas se permite maior liberdade nos vestidos, enfeites, e toucados, que ás pessoas plebéas, e inferiores: ás donzellas mais, que ás casadas, e a estas muito mais, que ás viuvas».*⁷⁷

Exclusivamente dedicado ao traje cite-se a obra de José Augusto Vieira, *Os Nossos Vestidos*, de pendor fortemente moralista e onde depois de aduzidos argumentos de índole psicológica e sociológica, alguns dos quais continuam no presente a ser esgrimidos, se pugna por uma racionalização da indumentária, atacando as modas:

«É pois acabando com essa fôrma anti-hygienica, anti-social e anti-artistica do vestuario moderno, que nós conseguiremos pelas noções da sciencia e da arte

77 - Idem - ibidem, p. 159.

atingir esse ponto luminoso e afastado, que na via lactea da perfectibilidade humana se denomina o – Ideal.»⁷⁸

Do aparecimento das gravuras de trajes à imprensa de moda - a formação e a contra-formação do Gosto



Fig. 15 – Português na obra *Costumes anciens*.

78 - José Augusto Vieira - *Os Nossos Vestidos*, Porto : Joaquim Antunes Leitão, 1880, p. 72.

A imprensa de moda tem uma função didáctica importante. A divulgação das modas começou pela impressão de estampas, pela publicação de recolhas de trajes e só posteriormente se deu o aparecimento de publicações periódicas destinadas à apreciação das modas⁷⁹. Uma das primeiras recolhas foi a obra de Cesare Vecellio - *Degli Habiti Antichi e Moderni di diverse parti del mondo*⁸⁰ (fig. 15).

Cite-se a grande produção de gravuras relativas à matéria da moda, das quais se destaca, pela profusão, mas também pela qualidade, a obra de Abraham Bosse⁸¹ (fig. 16).

Quanto aos periódicos é possível encontrar um espaço dedicado à moda já em 1678 no *Mercure Galant*⁸². Considera-se que o mais antigo periódico de

79 - Veja-se a este respeito de Raymond Gaudriault – “L’illustration de la mode par la gravure sous l’ancienne monarchie” in *La gravure de mode féminine en France*, Paris : Editions de l’Amateur, 1983.

80 - Cesare Vecellio - *Costumes anciens*, Paris : Éd. du Carrousel, ed. de 1999.

81 - André Blum – *Abraham Bosse et la société française au dix-septième siècle*, Paris : Éditions Albert Morancé, 1924.

82 - Donneau de Visé – *Mercure Galant*, Paris : s.n., 1678 –1714.



Fig. 16 – Cortesão seguindo o último édito na obra *Abraham Bosse et la société française au dix-septième siècle*.

moda de que se conhecem referências terá sido o *Le Cabinet des nouvellistes ou les nouvelles du temps mises en figures*, mas não se conhece qualquer exemplar que tenha chegado aos nossos dias⁸³. Este tipo de publicações conheceu um grande desenvolvimento a partir do século XVIII⁸⁴.

83 - Raymond Gaudriault – op. cit., p. 34.

84 - *Catalogue collectif des périodiques du début du XVIIe siècle à 1939, conservés dans les Bibliothèques de Paris et dans les Bibliothèques Universitaires des Départements*, Paris : Bibliothèque Nationale, 1969-1977.

Paralelamente à produção e publicação em periódicos de textos e iconografia que reproduz as modas em voga num determinado período, vai haver uma produção de gravuras satíricas e de textos criticando os excessos das modas. O periódico que mais sucesso fez na sátira das modas, destruindo sob o peso do sarcasmo alguns dos mais importantes movimentos de moda do século XIX, foi o inglês *Punch*, cujas gravuras votaram ao ridículo o movimento *Aesthetic Dress*⁸⁵ (fig. 17).



Fig. 17 – Gravura publicada no *Punch* em 1881.

85 - *Punch*, Londres : s.n., 1845-1914.

Em 1822, Almeida Garrett editava pela primeira vez uma despreziosa revista sob a epígrafe de *O Toucador : periódico sem política*, visando preencher uma lacuna na imprensa portuguesa, mas com declarada função pedagógica, já que na introdução se declarava que «*A teoria das modas, o desenvolvimento de suas espécies, requisitos, apensos e divisões; a prática ou aplicação desta teoria aos usos diversos, variadas fisionomias, diferentes talhes, distintas proporções, e particular arranjo constituem a primeira, e utilíssima parte de nossas tarefas.*»⁸⁶.

Muitas seriam as publicações que lhe seguiriam, existindo uma imprensa consistente de moda, o que não tem impedido algumas das publicações de perderem mercado e desaparecerem naturalmente, como a edição portuguesa do importante periódico de origem francesa *Marie Claire*⁸⁷.

86 - Almeida Garrett – *O Toucador : Periódico sem Política*, Lisboa : Vega, Ed. de 1993, p. 25.

87 - *Marie Claire*, Lisboa : J. Cunha, 1988-1996.

No presente é possível encontrar publicações de moda destinadas aos diversos grupos sociais, às diferentes faixas etárias e aos diferentes meios culturais. Como publicações mais vocacionadas para uma faixa mais conservadora cite-se a francesa *Madame Figaro*⁸⁸, também direccionada para uma elite social, que em Portugal está ligada à revista *Máxima*⁸⁹, a *Vogue*⁹⁰ consumida pelas pessoas mais ligadas ao metiê, a *Elle*⁹¹ destinada a um público interessado, mas de uma faixa etária mais jovem, a *Mulher Moderna*⁹² e a *Activa*⁹³, para estratos sociais mais baixos. Em termos etários cite-se nos extremos a *Moda & Moda*⁹⁴ para um público mais idoso, enquanto que no outro extremo estarão as revistas *Super Jovem*⁹⁵, *Ragazza*⁹⁶ e *Teenager*⁹⁷. Algumas publicações

88 - *Madame Figaro*, Paris : Figaro, 1982 -

89 - *Máxima*, Lisboa : Edimoda Sociedade Editorial, 1988 -

90 - *Vogue*, Lisboa : Edimoda, 2002 -

91 - *Elle*, Lisboa : Publicações Luso Francesas, 1988 -

92 - *Mulher Moderna : revista mensal feminina*, Lisboa : s.n., 1975 -

93 - *Activa*, Lisboa : Abril Morumbi/Edimpresa, 1991 -

94 - *Moda & Moda*, Lisboa : Editorial Vénus, 1984 -

95 - *Super Jovem*, Lisboa : Abril Morumbi/Edimpresa, 1993 -

96 - *Ragazza*, Lisboa : Hachette Filipacchi Publicações, 1993-....

97- *Teenager*, Lisboa : Amanhã Edição de Publicações, 1991 -

assumem claro pendor vanguardista como a revista *Umbigo*⁹⁸, ou a *DIF*, esta claramente alternativa⁹⁹.

A imprensa de moda começou por ser feminina, sendo raras as incursões da imprensa na moda masculina. No último quartel do século XX começaram a surgir publicações periódicas, nesta área, dedicadas aos homens. Estas de imediato chegariam a Portugal sendo uma das mais significativas a *Homem Magazine*¹⁰⁰. As revistas de referência internacional, como a *GQ : Gentlemen's Quarterly*¹⁰¹ ou a *Men's Health*¹⁰² teriam edições portuguesas na viragem para o século XXI.

Há pois uma estratificação destas revistas e muitas delas não mais se destinam a educar verdadeiramente o gosto, mas antes a manter diferenças e até consumos

98 - *Umbigo*, Lisboa : Umbigo Associação Cultural, 2002 -

99 - *DIF Magazine*, Lisboa : s.n., 1987-....

100 - *Homem Magazine*, Lisboa : Edições Pró-Homem, 1989 -

101 - *GQ: Gentlemen's Quarterly*, Lisboa : Edimoda Sociedade Editorial, 2000 - ...

102 - *Men's Health*, Lisboa : Motorpress, 2001 - ...

errados, por pouco saudáveis, ou pouco sensatos, e a prescrever consumos de acordo e sem sair do respectivo meio em que o leitor se insere.

A imprensa limita-se, no fundo, a espelhar o desenvolvimento da produção e comercialização da Moda. As modernas técnicas de Marketing e a sua aplicação à indústria do vestuário na segunda metade do século XX contribuíram, em muito, para que, mais do que um desejo de educar, se exponenciasse o desejo de vender, o dar às pessoas aquilo que elas querem de imediato, ou seja, satisfazer o seu desejo consumista¹⁰³. Ora, tal, de alguma maneira levou a uma “deseducação”.

103 - Obviamente que este fenómeno não se restringe à roupa, estendendo-se a todas as áreas. Um exemplo bem triste, do que se disse anteriormente, prende-se com a perda de qualidade das emissões dos canais de televisão generalistas que na ânsia de disputar audiências optam pelo chamado “tele-lixo” de fácil consumo.

Veja-se, relativamente a esta problemática, as obras:

Nicholas Coleridge - *The Fashion Conspiracy*, Londres : Mandarin, 1989.

Pugnando por modas Racionais e Estéticas

Regressando à História da Moda verifica-se que, por vezes surgem pessoas ou movimentos que, opondo-se aos desenvolvimentos da Moda, por pouco saudáveis ou por inestéticos, se manifestam publicamente, aduzindo argumentos coerentes em favor das suas teorias. A este nível houve dois importantes momentos no século XIX que, embora de cariz completamente distinto, pugnavam por uma profunda mudança na forma de vestir. Curiosamente em ambos, as alegações não colheram e os que lutaram pela mudança foram atacados e sobretudo ridicularizados.

Trata-se das propostas de racionalização do traje por parte de mrs. Amelia Bloommer, casada com o editor do periódico nova-iorquino *The Seneca County Courier*, que tinha publicado um artigo em que se comparava a indumentária turca às modas ocidentais da época, com clara vantagem em termos de racionalidade para as primeiras¹⁰⁴. Mrs. Bloommer pegou no tema e

104 - Georgina O'Hara Callan – *Dictionary of Fashion and Fashion Designers*, ..., p. 36.

fez uma verdadeira campanha divulgando uma nova forma de vestuário composta por um vestido relativamente curto e umas calças bastante largas, que prendiam nos tornozelos e que ganhariam o nome da sua promotora - Bloommers. A proposta foi coberta de ridículo e só aquando da moda do desporto, nomeadamente do ciclismo, seriam usadas¹⁰⁵ (fig. 18).



Fig. 18 – Cartaz publicitando medicamento para alívio de dores e feridas na obra *Nineteenth Century Fashion*.

105 - Idem – ibidem, p. 36.

Também a *Rational Dress Society* da Viscondessa de Haberton que lutava contra os deformantes trajes que estavam em voga e propunha meramente roupa razoável e sensata:

«The Rational Dress Society protests against the introduction of any fashion in dress that either deforms the figure, impedes the movement of the body, or in any way tends to injure health. It protests against the wearing of tightly fitting corsets, of high-heeled or narrow-toed boots and shoes; of heavily weighted skirts, as rendering healthy exercise almost impossible; and of all tie-down cloaks or other garments impeding the movements of the arms.

It protests against crinolines or crinolettes of any kind as ugly and deforming. The object of the R. D. S. is to promote the adoption, according to individual taste and convenience, of a style of dress based upon considerations of health, comfort, and beauty, and to depre-

*cate constant changes of fashion that cannot be recommended on any of these grounds.».*¹⁰⁶

Uma das propostas concretas que a *Rational Dress Society* fazia, tida à época por fundamentalista, visava tão só reduzir o peso do traje a 3,5 kg.¹⁰⁷

Em Portugal a preocupação com um vestuário racional era espelhada na publicação, em 1884, de um opúsculo sob a designação de *Hygiene do Vestuario*¹⁰⁸ onde é expressa uma estranha teoria relativa às consequências do luxo:

«Os requintes do luxo teem o poder de fazerem perder á mulher a fecundidade.

A esterilidade é, sem duvida, muito mais frequente nas mulheres que desordenadamente se intregam aos requintes do luxo e ás loucas e excessivas vaidades do ornato.

106 - Elizabeth Rouse – *Understanding Fashion*, Oxford : BSP Professional Books, 1989, p. 128.

107 - Idem - ibidem, p. 128.

108 - *Hygiene do Vestuario*, Lisboa : David Corazzi, Editor, 1884.

Esta consequencia é naturalmente devida em primeiro logar a que muitas vezes o luxo é sustentado á custa de privações, e comprado pelo preço de uma verdadeira miseria na satisfação das necessidades reaes da vida; em segundo logar os requintes do luxo infra-quecem a mulher.

Quételet demonstrou por estatisticas que, nas cidades onde o luxo se torna preponderante, não só o numero de nascimentos é menor, mas nascem mais creanças do sexo feminino, que do masculino.»¹⁰⁹.

Esta problemática continuava actual em 1945, data da edição da obra de M. Ferreira de Mira – *Higiene Individual : A Arte de Vestir*¹¹⁰, onde, após uma justificação pragmática e psicossociológica da indumentária, o autor analisava os diferentes materiais usados na confecção do vestuário, a sua relação com o corpo e com as estações do ano, sendo até feita uma análise da ligação

109 - Idem, p. 54

110 - M. Ferreira de Mira – *Higiene Individual : A Arte de Vestir*, Lisboa : Empresa Nacional de Publicidade, 1945.

das cores à condutibilidade do calor¹¹¹. A partir desta investigação o autor prescrevia o uso de vestuário adequado a cada sexo, profissão, idade, etc., pugnando sobretudo pela salubridade e sensatez das roupas escolhidas.

A obra é particularmente datada e algumas das teses avançadas carecem de qualquer justificação, como a peculiarmente machista explicação do fenómeno da Moda:

«... para qualquer mulher, o vestuário que a linda ou, pelo menos, que a faz distinguir das outras, tem não só a importância de atestar quanto vale, como para os homens, mas também a de aumentar as suas possibilidades matrimoniais.

Compreende-se, portanto, que as mulheres não tenham imitado os homens na crescente simplificação do vestuário e que continuem dedicando o seu tempo e atenções aos cuidados com o seu aspecto exterior.

111 - Idem – ibidem, p. 58.

Dêstes sentimentos femininos resultam as freqüentes variações do vestuário, a que damos a designação geral de: moda.»¹¹².

Ainda no século XIX, coevo da *Rational Dress Society*, surgiu um grupo especialmente interventivo em relação à indumentária, mas tendo sobretudo objectivos estéticos. O movimento que foi designado por *Aesthetical Costume* visava a adopção de trajes mais interessantes do ponto de vista estético. Entre os seus mentores pontuava Oscar Wilde e, no geral, os pintores que haviam pertencido à irmandade dos pré-rafaelitas participaram desta proposta.

Despontando como uma reacção contra as desconfortáveis, burguesas e sobretudo muito cinzentas modas vitorianas, o *Aesthetical Dress* tem as suas bases no interesse que os pintores pré-rafaelitas devotaram ao traje medieval, como Dante Gabriel Rossetti, que reproduzia aquela indumentária na sua obra. Algumas das mulheres ligadas ao grupo, a começar pela própria mulher de Rossetti, começaram a usar vestidos mais

112 - Idem – ibidem, p. 190.

simples, que tinham como característica principal não serem armados sobre corpetes, nem sobre crinolinas, o que os tornava menos rígidos e logo mais cómodos.¹¹³

Patrice Bollon na obra *Morale du Masque* traçou um panorama bastante fiel de alguns destes Aesthetes «... *habillés à la «petit Lord Fauntleroy», en veste de velours noir, culotte à la française, cravate flottante et chapeau à larges bords, parlant précieux avec jeunes femmes mi-médiévales mi-Renaissance, en larges robes brodées de fils d'or, les cheveux bouclés tombant dans les yeux, le regard innocent et le teint diaphane, comme sorties d'un tableau préraphaélite de Dante Gabriel Rossetti ...».*¹¹⁴

Desenvolveu-se assim algo que na actualidade se poderia designar como uma moda alternativa, que estava perfeitamente definida na década de setenta do século XIX, mas que se restringia na prática a um limitado

113 - Elizabeth Rouse – op. cit., p. 127.

114 - Patrice Bollon – *Morale du Masque : Merveilleux, Zazous, Dandys, Punks, etc.*, Paris : Éditions du Seuil, 1990, p. 10.

grupo de intelectuais¹¹⁵. Efectivamente o *Aesthetical Costume* jamais ultrapassou o grupo, tendo para tal contribuído a imprensa particularmente incisiva e que os caricaturava como grotescos.

Educando os pais e demais adultos

Por vezes o conflito de gerações passa também através da indumentária. Assim, algumas das modas adoptadas pelos mais jovens tornam-se incompreensíveis aos olhos dos que têm que lidar com elas e que as olham como se de um fenómeno novo se tratasse, esquecendo que tal é algo que se repete ao longo da História. Citem-se os *Peraltas* e *Casquilhos* do século XVIII, os *Incroyables* e *Merveilleuses* do século XIX, ou os *Teddy Boys*, *Rockers* ou *Punks* do século XX, o que levou à aparição de bibliografia destinada à educação dos pais, levando à compreensão, por parte destes, das motivações do vestuário, bem como da sua sistema-

115 - Penelope Byrde – *Nineteenth Century Fashion*, Londres : B. T. Batsford Limited, 1992, p. 171.

tização e dando mesmo pistas para se lidar com um parente que haja aderido enfaticamente a uma determinada moda. Como exemplo deste tipo de livros cite-se a importante obra de H. Obalk e outros, *Les mouvements de Mode Expliqués aux Parents*¹¹⁶ (fig. 19).

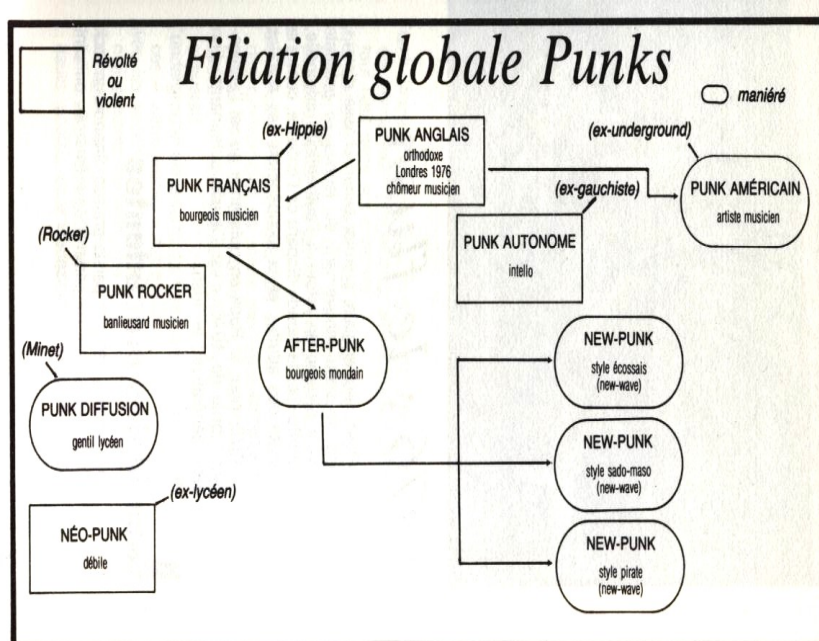


Fig. 19 – Mapa da “Filiação Global Punks” na obra *Les mouvements de Mode Expliqués aux Parents*.

116 - H. OBALK et alia - *Les mouvements de Mode Expliqués aux Parents*, Paris : Robert Laffont, 1984.

As colecções de Moda Portuguesas, o Museu Nacional do Traje e a sua contribuição para uma educação pela Moda

Em Portugal, as colecções mais significativas de traje pertencentes ao Estado estavam, desde o final da monarquia, confiadas ao Museu Nacional dos Coches, que chegou a publicar alguns catálogos vocacionados para a indumentária¹¹⁷. Um marco para a divulgação das colecções de moda do Estado Português foi a grande

117 - Luciano Freire - *Catálogo do Museu Nacional dos Coches*, Lisboa : s. n., 1923.

Neste catálogo Luciano Freire designava o museu como: «*Museu Nacional dos Coches (e de Indumentaria dos Seculos XVII, XVIII e XIX)*».

Maria Madalena de Cagigal e Silva – “O traje do século XVIII através das colecções do Museu Nacional dos Coches” in *Bracara Augusta*, Braga : 1973, vol. 27, fasc. 64 (76).

Na colecção “Ensaios”, editada pelo museu foram editados vários catálogos da colecção de vestuário e acessórios do Museu:

Leques, Lisboa : Museu Nacional dos Coches, 1976

Sombrinhas, Lisboa : Museu Nacional dos Coches, 1976

Lenços, Lisboa : Museu Nacional dos Coches, 1977

Exposição Temporária, Lisboa : Museu Nacional dos Coches, 1976

Fundo Antigo : Seleção, Lisboa : Museu Nacional dos Coches, 1976

Recentes Entradas : Seleção, Lisboa : Museu Nacional dos Coches, 1976

S. M. Rainha D. Amélia, Lisboa : Museu Nacional dos Coches, 1976

exposição *O Traje Civil em Portugal* havida no Museu Nacional de Arte Antiga entre Janeiro e Fevereiro de 1974¹¹⁸. Em 1977 abriria finalmente, no Palácio Angeja-Palmela no Paço do Lumiar, o Museu Nacional do Traje¹¹⁹. Com uma colecção que começa no século XVIII, mas é composta por espécimes sobretudo da época do império napoleónico em diante, tem este museu realizado várias exposições e publicado catálogos extremamente importantes¹²⁰, o que já valeu àquele organismo o

118 - AA. VV. - *O Traje Civil em Portugal (catálogo da exposição)*, Lisboa : Direcção-Geral dos Assuntos Culturais, 1974.

119 - No primeiro ano de abertura do museu ao público foram realizadas as seguintes exposições:

História do Traje Civil Urbano : da Antiguidade a 1925; Técnicas de fiação, tecelagem e estampagem; Traje Popular; Brinquedos dos séculos XIX a XX e Traje de Opera : Colecção Tomás Alcaide.

Cf. AA. VV. - *Traje de Criança e Brinquedos : catálogo da exposição*, Lisboa : Museu Nacional do Traje, 1980, p. 82.

O museu alterou recentemente a designação passando a chamar-se Museu Nacional do Traje e da Moda.

Cf. página *Museu Nacional do Traje e da Moda*, endereço: <http://www.museudotraje-ipmuseus.pt>. Acedida em 2005, Março, 29.

120 - Das mais significativas publicações do Museu Nacional do Traje cite-se:

Madalena Braz Teixeira (coord.) - *Traje de Noiva 1800 – 2000 : catálogo da exposição*, Lisboa : Museu Nacional do Traje, 1996.

Idem (coord.) – *O Traje Império 1792-1826 e a sua época : catálogo da exposição*, Lisboa : Museu Nacional do Traje, 1992.

Idem (coord.) – *A Moda do Século 1900-2000 : catálogo da exposição*, Lisboa : Museu Nacional do Traje, 2000.

Prémio Europeu do Museu do Ano, atribuído pelo Conselho da Europa dos Museus em 1978.

Infelizmente, algumas das mais significativas mostras não têm sido acompanhadas do respectivo catálogo, como a dedicada ao traje interior¹²¹. Da mesma forma carece de publicação um inventário das colecções. Com um serviço educativo activo, dedicado ao ensino básico e secundário, que realiza uma boa sensibilização para as questões da história da indumentária, fica a faltar uma actividade que divulgue o museu e respectivas colecções a uma comunidade mais exigente, ou seja, a um nível mais erudito. Assim, não são realizados seminários, jornadas de história ou mesmo algo de mais ambicioso, um congresso relativo ao vestuário. Gabe-se

121 - Se a exposição *Alta Costura de Paris 1910-1970* (colecção do “Musée de la Mode et du Costume de la ville de Paris”), havida nas instalações do Museu Nacional do Traje entre Julho e Outubro de 1979, foi alvo de um catálogo policopiado sem quaisquer ilustrações (Madeleine Delpierre - *Alta Costura de Paris 1910-1970 : colecção do “Musée de la Mode et du Costume de la ville de Paris” : catálogo da exposição*, Lisboa : Museu Nacional do Traje, 1979), a importante exposição *O Interior do Traje 1770-1990*, realizada em 1990, apesar da existência de textos a ela alusivos, por falta de financiamento, jamais teve catálogo.

o esforço para expor alguns dos mais recentes criadores portugueses, embora nem sempre sejam escolhidos os mais criativos, como a opção de expor a obra de Paulo Azenha que, embora mediático, é nitidamente menor, enquanto que outros bem mais consistentes, como Isilda Pelicano ou Alexandra Moura, são esquecidos¹²².

Compare-se a actividade de um Museu semelhante, embora não nacional, mas meramente municipal, o Musée de la Mode et du Costume de la Ville de Paris / Palais Galliera, que constituiu uma Société d'Histoire du Costume, destinada a divulgar as suas actividades e a implicar os produtores de moda parisienses na vida do Museu. A título de exemplo, no ano de 1989, esta instituição organizou dois ciclos pedagógicos sob a designação de *Leçons de Mode*, uma série de encontros-debate com alguns dos mais importantes nomes da moda mun-

122 - Não deixa de ser curioso que, quer o autor do presente artigo, que vem leccionando e publicando sistematicamente na área da História e Psicossociologia do Vestuário e da Moda, quer a jornalista Marionela de Gusmão, que na revista *Moda & Moda*, de que é proprietária e directora, tem um espaço editorial importante para as questões de História da Moda, jamais tenham sido chamados a colaborar com o Museu.

dial como Jacques Mouclier, presidente da Chambre Syndicale de la Haute Couture, ou os criadores Paco Rabanne, Oliver Lapidus ou Pierre Cardin. Um ciclo de conferências sobre a história da moda e muitas outras actividades pedagógicas, paralelamente à apresentação de exposições muito significativas¹²³.

Outros museus portugueses têm colecções relacionadas com a indumentária. Dentro da sua esfera de influência o Museu Nacional do Teatro tem nas suas instalações efectuado importantes exposições de trajes e figurinos das quais se destaca a exposição *Vestir o Sonho : A Colecção Tirelli*¹²⁴, um dos mais importantes guarda-roupas mundiais ou a exposição *O Grande Teatro do Mundo ou Os Clássicos em Lisboa*¹²⁵.

123 - *Leçons de Mode*, Paris : Musée de la Mode et du Costume de la Ville de Paris / Palais Galliera, 1996, pp. 3-14.

124 - AA. VV. - *Vestir o Sonho : A Colecção Tirelli : catálogo da exposição*, Lisboa : Electa / Lisboa Capital Europeia da Cultura 94, 1994.

125 - AA. VV. - *O Grande Teatro do Mundo ou Os Clássicos em Lisboa : catálogo da exposição*, Lisboa: Electa / Lisboa Capital Europeia da Cultura 94, 1994.

Ao nível do traje tradicional, além do Museu de Etnologia¹²⁶, vão surgindo pequenos museus, geralmente associados a municípios, que expõem coleções de maior ou menor relevo, como o Museu de Etnografia e História da Póvoa de Varzim ou o Museu Municipal de Loures¹²⁸. Cite-se ainda o Museu da Indústria Têxtil tutelado pela Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, relativo à implantação daquela indústria na região do Ave, fundado em 1989 e instalado em edifício próprio em 1998¹²⁹; o Museu das Rendas de Bilros da

126 - Não são comuns neste museu exposições dedicadas à indumentária, assim a exposição designada por Traje Popular da responsabilidade deste organismo, teve lugar nas instalações do Museu Nacional do Traje.

Benjamim Pereira (textos) - *Traje Popular : catálogo da exposição*, Lisboa : Museu de Etnologia, 1977.

127 - AA. VV. *O Traje Poveiro : catálogo da exposição*, Lisboa : Museu Nacional do Traje / Museu de Etnografia e História da Póvoa de Varzim, 1983.

128 - AA. VV. - *Loures no Tempo e na Moda : catálogo da exposição*, Loures : Museu Municipal de Loures, 1992

A Câmara Municipal de Loures através do Departamento Sociocultural/Divisão do Património Cultural/Área de Etnografia vem publicando os designados Cadernos Técnicos “Vamos Conhecer”, onde o traje é abordado de forma particularmente acessível e didáctica:

Francisco Sousa – *O Traje Saloio*, Loures : Câmara Municipal de Loures, 1995.

129 - Cf. página *Museu da Indústria Têxtil*, endereço: <http://www.geira.pt/mitextil/>. Acedida em 2005, Março, 29.

Câmara Municipal de Vila do Conde que, além de um número muito significativo de espécimes, apresenta um conjunto de rendilheiras¹³⁰ a trabalhar e o Museu Etnográfico do Traje Algarvio, localizado em São Brás de Alportel que, embora com esta designação e expondo efectivamente uma importante colecção do traje daquela região algarvia, tem colecções de veículos tradicionais, de escultura religiosa de cariz popular, apresentando ainda um núcleo de exposição dedicado ao ciclo da cortiça.

O Museu da Água nas suas acções pedagógicas vem recorrendo à recriação de cenas de época, como no percurso “A Rainha refresca-se”, onde actores representam personagens históricas ou tipos populares, recorrendo a trajes que reproduzem os utilizados nos séculos XVIII e XIX no primeiro caso e, no segundo, baseados em trajes tradicionais da região saloia, como o das lavadeiras de Caneças. Assim, embora o fim seja a importância da Água, subsidiariamente há pelo menos

130 - Cf. página *Museu das Rendas de Bilros*, endereço: <http://www.mrbvc.net/menu/a.htm>. Acedida em 2005, Março, 29.

uma chamada de atenção para as questões da indumentária¹³¹.

Significativo da pouca importância a que a Moda é votada é o facto de existindo uma muito importante colecção de Alta Costura no país, reunida pelo coleccionador Francisco Capelo e não obstante da vontade manifestada pelo mesmo de encontrar um espaço digno para a expor em Portugal, jamais tal haja sido possível. Adquirida recentemente pela Câmara Municipal de Lisboa, não tem ainda um espaço para ser exposta de forma tão completa quanto possível.

131 - O Museu da Água, tutelado pela EPAL – Empresa Portuguesa das Águas Livres, S. A., recebeu em 1990 o Prémio do Museu do Conselho da Europa.

Cf. página *Museu da Água*, endereço: <http://museudaagua.epal.pt>. Acedida em 2005, Março, 29.

Conclusão

A educação na esfera da Moda é pois complexa e variada, sendo feita em diversos níveis. Assim, em jeito de conclusão sintética, verifica-se que, paralelamente a uma formação de profissionais na área do vestuário, há todo um mundo de informação e sobretudo de formação, não convencional – por mimetismo, empiricamente, seguindo indicadores de gosto, através da leitura de guias mais ou menos eruditos que, por vezes, descobrindo lacunas e deficiências, cumpre a missão de estabelecer novas vias de comunicação através da indumentária.

Bibliografia

Carta terceira que mandou hum pay a seu filho Peralta, e relação dos enganos desta corte, Lisboa : Officina da Viuv. de Ignacio Nog. Xisto, 1771.

Cartas sobre as Modas, Lisboa : Typografia Rollandiana, 1789.

Catalogue collectif des périodiques du début du XVIIe siècle à 1939, conservés dans les Bibliothèques de Paris et dans les Bibliothèques Universitaires des Départements, Paris : Bibliothèque Nationale, 1969-1977.

Cours de Coupe de la Mode Pratique: Pour faire soi-même ses robes, ses manteaux, Paris: Hachette & C.^{ie}, s.d..

Elementos da Civilidade e da Decencia, Lisboa : Typografia Rollandiana, 1801.

Exposição Temporária, Lisboa : Museu Nacional dos Coches, 1976.

Fundo Antigo : Selecção, Lisboa : Museu Nacional dos Coches, 1976.

Hygiene do Vestuario, Lisboa : David Corazzi, Editor, 1884

“Imprensa – Hachette encerra segunda revista” in *Diário de Notícias*, Lisboa : Global Notícias Publicações, 2005, Abril, 7, ano 141, n.º 49682.

Lenços, Lisboa : Museu Nacional dos Coches, 1977.

Leques, Lisboa : Museu Nacional dos Coches, 1976.

Livro dos Regimentos dos Officiais mecanicos da mui nobre e sepre leal cidade de Lixboa (1572), Coimbra : Imprensa da Universidade, 1926.

Nova critica em que se mostra a figura de hum Peralta, Lisboa : Officina de Antonio Gomes, 1790.

Recentes Entradas : Selecção, Lisboa : Museu Nacional dos Coches, 1976.

S. M. Rainha D. Amélia, Lisboa : Museu Nacional dos Coches, 1976.

- Sombrinhas*, Lisboa : Museu Nacional dos Coches, 1976.
- AA. VV. – *Encyclopédie de la Mode Nathan*, Paris : Éditions Nathan, 1989.
- AA. VV. – *O Grande Teatro do Mundo ou Os Clássicos em Lisboa : catálogo da exposição*, Lisboa : Electa / Lisboa Capital Europeia da Cultura 94, 1994.
- AA. VV. – *Loures no Tempo e na Moda : catálogo da exposição*, Loures : Museu Municipal de Loures, 1992.
- AA. VV. – *A Moda em Portugal através da Imprensa : 1807-1991 : catálogo da exposição*, Lisboa : Biblioteca Nacional, 1991.
- AA. VV. – *O Traje Civil em Portugal : catálogo da exposição*, Lisboa : Direcção-Geral dos Assuntos Culturais, 1974.
- AA. VV. – *Traje de Criança e Brinquedos : catálogo da exposição*, Lisboa : Museu Nacional do Traje, 1980.

- AA. VV. – *O Traje Poveiro : catálogo da exposição*, Lisboa : Museu Nacional do Traje / Museu de Etnografia e História da Póvoa do Varzim, 1983.
- AA. VV. – *Vestir o Sonho : A Coleção Tirelli : catálogo da exposição*, Lisboa : Electa / Lisboa Capital Europeia da Cultura 94, 1994.
- AINABIL, Madame (Libânia da Fonseca Ranito) – *Corte e Costura*, Porto : Porto Editora Ld.^a, s.d..
- AKMEN, Sevim - *O Perfeito Cavaleiro : Guia prático para todas as emergências na vida*, Porto : Edição da autora, 1949.
- BALZAC, H. de – *Traité de la vie élégante : Physiologie du routier de Paris: Physiologie de l'employé: Les Boulevards de Paris*, Paris: Bibliopolis, 1911.
- BOBONE, Paula – *Dicionário de Etiqueta : Regras para bem viver em sociedade*, Lisboa : Impala, 2004.
- BOBONE, Paula – *Profissionalmente Correcto*, Venda Nova : Bertrand, 2000 (2.^a edição).

- BOBONE, Paula – *Socialmente Correcto*, Venda Nova : Bertrand, 2004 (19.^a edição).
- BOLLON, Patrice – *Morale du Masque: Merveilleux, Zazous, Dandys, Punks, etc.*, Paris : Éditions du Seuil, 1990.
- BOUCHER, François - *Histoire du Costume*, Paris : Flammarion, 1965.
- BLUM, André – *Abraham Bosse et la société française au dix-septième siècle*, Paris : Éditions Albert Morancé, 1924.
- BYRDE, Penelope – *Nineteenth Century Fashion*, Londres : B. T. Batsford Limited, 1992.
- CALLAN, Georgina O'Hara – *Dictionary of Fashion and Fashion Designers*, Londres : Thames and Hudson, 1998.
- CASTIGLIONE, Baldassar – *Il Cortegiano*, Milão : Edizioni Garzanti, edição de 1941.
- COELHO, Teresa e AVILLEZ, Maria Assunção – *A Moda em Portugal nos últimos trinta anos*,

- Lisboa : Edições Rolim, 1987.
- COLERIDGE, Nicholas - *The Fashion Conspiracy*,
Londres : Mandarin, 1989.
- CONTINI, Mila – *A Moda: 5000 Anos de Elegância :
da antiguidade egípcia aos nossos dias*, Lisboa :
Verbo, s.d..
- COUTINHO, B. Xavier – *Exigências e
Condicionamento da Nobre Arte de Alfaiataria*,
Porto : Grémio Regional dos Industriais de
Alfaiataria e Costura do Norte, 1963.
- COUTINHO, Bento Alves - *Nova palestra que teve
hum velho campones por nome Trifonio com um
peralta de Lisboa por nome Belmiro*, Lisboa :
Officina de Fillipe da Silva e Azevedo, 1785.
- CURCIO, Anna Maria - *La Moda : Identità Negata*,
Milão : Franco Angeli, 1994.
- DELPierre, Madeleine - *Alta Costura de Paris 1910-
1970 : colecção do “Musée de la Mode et du
Costume de la ville de Paris” : catálogo da*

- exposição*, Lisboa : Museu Nacional do Traje, 1979.
- DILLMONT, Thérèse de - *Encyclopédie des Ouvrages de Dames*, Paris : Librairie Ch. Delagrave, s.d..
- DORFLES, Gillo - *As Oscilações do Gosto : A Arte de Hoje entre a Tecnocracia e o Consumismo*, Lisboa : Livros Horizonte, 2001.
- DUVAL, Arlette – *A Modista em 30 dias : ou a costureira e si mesma*, Lisboa : Empresa Literária Universal, s.d..
- ERNER, Guillaume – *Victimes de la Mode?: Comment on la crée, pourquoi on la suit*, Paris: Éditions La Découverte, 2004.
- FAUVEL, Laurent – *Smoking, Jean et Peignoir de Soie: Guide de l'élégance masculine*, Paris : Éditions Albin Michel, 1987.
- FISHER-MIRKIN, Toby – *O Código do Vestir : Os significados ocultos da Roupa Feminina*, Rio de Janeiro : Rocco, 2001.

- FREIRE, Luciano - *Catálogo do Museu Nacional dos Coches*,
Lisboa : s.n., 1923.
- GAUDRIAULT, Raymond - *La gravure de mode féminine en
France*, Paris: Editions de l'Amateur, 1983.
- GARRETT, Almeida – *O Toucador : Periódico sem Política*,
Lisboa: Vega, Ed. de 1993.
- GENLIS, Condessa de – *Dictionnaire critique et raisonné des
étiquettes de la cour, des usages... des Français, depuis la
mort de Louis XIII jusqu'à nos jours, contenant le tableau
de la cour, de la société et de la littérature du dix-
huitième siècle; ou L'esprit des étiquettes et des usages
anciens, comparés aux modernes*, Paris : M. Mongie aî-
né, 1818.
- GENLIS, Madame de – *De l'esprit des étiquettes*, s. l.: Mercure
de France, 1996.
- GRAVELINE, Noel – *Jeans: Levi's Story*, Genève-Paris :
Éditions Minerva SA, 1990.
- GUERRE, Madame Alice - *Método de Corte : ou a maneira
de qualquer senhora fazer, por suas mãos, todo o seu
vestuário*, Lisboa : Empresa Literária Universal, s.d..

- HEUREUX, Marie-Anne l' (dir.) – *Pour bien s'habiller*, Paris: Pierre Lafitte & Cie., 1911.
- KALIL, Gloria – *Chic Homem : Manual de Moda e Estilo*, São Paulo : Editora Senac, 2004 (13.^a edição).
- KEERS, Paul – *A Gentleman's Wardrobe : Classic Clothes and the Modern Man*, Londres : Weidenfeld & Nicolson, 1987.
- LANGHANS, Franz-Paul – *As Corporações de Ofícios Mecânicos*, Lisboa : Imprensa Nacional, 1943-1946.
- LANVIN, Bernard – *Le Guide de l'élégance au masculin*, s. l. : Hachette, 1987.
- LAVER, James - *Taste and Fashion*, Londres : George G. Harrap & Company Ltd, 1937.
- LELOIR, Maurice - *Dictionnaire du Costume*, Paris : Gründ, 1992.
- LOUIS, Patrick e PRINAZ, Laurent - *Skinheads, Taggers*, Zullus & Co, Paris : La Table Ronde, 1990.

- LURIE, Alison - *The Language of Clothes*, Londres : Bloombury Publishing, 1992.
- M., F. M. G. S. – *Satyra em louvor das modas ou Escudo de Peraltice*, Lisboa : Officina de Simão Thadeo Ferreira, 1783.
- MIRA, M. Ferreira de – *Higiene Individual : A Arte de Vestir*, Lisboa.: Empresa Nacional de Publicidade, 1945.
- MORAIS, Paulo - “O Homem Vestido” in Almerindo Lessa (coord.) - *Leituras do Homem*, Lisboa : Editora Internacional, 1998.
- NAZARÉ, Beatriz – *Manual de Civilidade e Etiqueta*, Lisboa : Arnaldo Bordalo, 1914 (9.^a edição).
- OBALK, H. et alia - *Les mouvements de Mode Expliqués aux Parents*, Paris : Robert Laffont, 1984.
- OLIVEIRA, F. Baptista de – *A Arte de Coser e Bordar*, Lisboa : Editorial «O Século», s.d..
- OLIVEIRA, F. Baptista de - *Método de Corte : A Arte e a Técnica de cortar e provar o vestuário feminino*

- e infantil*, Lisboa : Editorial «O Século», 1955.
- PEREIRA, Benjamim (textos) - *Traje Popular : catálogo da exposição*, Lisboa : Museu de Etnologia, 1977.
- POIRET, Paul – *En habillant l'époque*, Paris: Librairie Grasset, 1930.
- PRÉVOT, Florianne – *O guia do Homem Elegante*, s. l. : Marabu Notícias, 1975.
- QUART, Alissa – *Branded : the buying and selling of teenagers*, Londres : Arrow, 2003.
- REGO, Manuela e MUCZNIC, Lúcia - *A moda em Portugal através da imprensa 1807-1991*, Lisboa : Biblioteca Nacional, 1991.
- RIBEIRO, Emanuel – *Como os nossos avós aprenderam uma profissão*, Gaia : Edições Apolino, 1930.
- RODRIGUES, Silvina Rosária – *Método de Corte*, Lisboa : Escola Normal de Corte «Siva», 1957 (2.^a edição).

- ROETZEL, Bernhard – *El caballero : Manual de moda masculina clásica*, Colónia : Könemann, 1999.
- ROUSE, Elizabeth – *Understanding Fashion*, Oxford : BSP Professional Books, 1989.
- RUBINSTEIN, Ruth P. – *Dress Codes : Meanings and Messages in American Culture*, Oxford : Westview Press, 2001 (2.^a edição).
- SÃO GIÃO, Ana – *Etiqueta e Boas Maneiras : Cortesia e civilidade na vida moderna*, Lisboa : Edições 70, 1992.
- SCHEPENS, Joseph – *Tratado de Côte : para uso dos operarios alfayates*, Lisboa : Parceria Antonio Maria Pereira, 1926 (3.^a edição).
- SEQUEIRA, João de N. Senhora da Porta – *Escola de Política, ou Tratado Pratico da Civilidade Portuguesa*, Lisboa : Impressão de Alcobia, 1828.
- SILVA, Maria Madalena de Cagigal e – “O traje do século XVIII através das colecções do Museu Nacional dos Coches” in *Bracara Augusta*, Braga : 1973, vol. 27, fasc. 64 (76).

- SOULLEROT, Evelyne – *La Presse Féminine en France: des origines à 1848*, Paris: A. Colin, 1966.
- SOUSA, Francisco – *O Traje Saloio*, Loures : Câmara Municipal de Loures, 1995.
- SQUICCIARINO, Nicola – *El Vestido Habla : Consideraciones Psico-sociológicas sobre la Indumentaria*, Madrid : Ediciones Cátedra, 1990.
- STAFFE, Baronesa de – *Règles du Savoir-Vivre dans la Société Moderne*, Paris : Victor-Havard Éditeur, 1891 (59.^a edição).
- TEIXEIRA, Madalena Braz (coord.) – *A Moda do Século 1900-2000 : catálogo da exposição*, Lisboa : Museu Nacional do Traje, 2000.
- TEIXEIRA, Madalena Braz (coord.) – *O Traje Império 1792-1826 e a sua época : catálogo da exposição*, Lisboa : Museu Nacional do Traje, 1992.
- TEIXEIRA, Madalena Braz (coord.) - *Traje de Noiva 1800 – 2000 : catálogo da exposição*, Lisboa : Museu Nacional do Traje, 1996.

- TEIXEIRA, Madalena Braz (textos) - *Trajes Míticos da Cultura Regional Portuguesa*, Lisboa : Electa / Lisboa Capital Europeia da Cultura 94, 1994.
- TOLENTINO, Nicolau - “O Colchão dentro do toucado” apud Augusto C. Pires de Lima – *Obras Selectas de Nicolau Tolentino*, Porto : Domingos Barreira, s.d..
- TOLSTOÏ, Tatiana – *De l’élégance masculine*, Paris: Éditions Acropole, 1987.
- V., A. E. J. O. – *Relaçam curiosa Lagrimas da Peralta, pelo sentimento que teve de huma ratazana lhe roer o topete, e varios vestidos de seda, queixas que faz a huma vizinha velha, E os bons conselhos com que esta consola o seu disgosto*, Lisboa : Officina de Filipe da Silva e Azevedo, 1784.
- V., A. E. J. O. – *Relaçam coriosa Caçada de caens e gatos, que se deo a ratazana que roeu o topete à Peralta, e varios vestidos de seda, e Olanda e da morte que o bicho teve; noticia que a Peralta dá à*

visinha velha : segunda, e ultima parte, Lisboa :
Officina de Joze Aquino de Bulhoens, 1784.

VECELLIO, Cesare - *Costumes anciens*, Paris : Éd. du
Carrousel, 1999.

VIEIRA, José Augusto - *Os Nossos Vestidos*, Porto :
Joaquim Antunes Leitão, 1880.

Periódicos:

Activa, Lisboa : Abril Morumbi/Edimpresa, 1991 - ...

Elle, Lisboa : Publicações Luso Francesas, 1988 - ...

GQ: Gentlemen's Quarterly, Lisboa : Edimoda
Sociedade Editorial, 2000 - ...

Homem Magazine, Lisboa : Edições Pró-Homem, 1989
- ...

Madame Figaro, Paris : Figaro: 1982 - ...

Marie Claire, Lisboa : J. Cunha, 1988-1996.

Máxima, Lisboa : Edimoda Sociedade Editorial, 1988 -
...

Men's Health, Lisboa : Motorpress, 2001 - ...

Moda & Moda, Lisboa : Editorial Venus, 1984 - ...

Mulher Moderna : revista mensal feminina, Lisboa:
s.n., 1975 - ...

Super Jovem, Lisboa : Abril Morumbi/Edimpresa, 1993
- ...

Teenager, Lisboa : Amanhã Edição de Publicações,
1991 - ...

O Toucador : Periódico sem Política, Lisboa : Vega,
Ed. de 1993

Umbigo, Lisboa : Umbigo Associação Cultural, 2002 -
...

Vogue, Lisboa : Edimoda, 2002 - ...

Endereços electrónicos:

Central Saint Martins College of Art and Design, en-
dereço: <http://www.csm.arts.ac.uk>

CITEX, endereço: <http://www.citex.pt>

CIVEC, endereço: <http://www.civec.pt>

Costumes-org, endereço: <http://www.costumes.org>

ESMOD, endereço: <http://www.esmod.com>

Fashion-era, endereço: <http://www.fashion-era.com>

Fashion Institute of Technology, endereço: <http://www.fitnyc.suny.edu/html/dynamic.html>

IADE, endereço: <http://www.iade.pt>

Museu da Água, endereço: <http://museudaagua.epal.pt>

Museu da Indústria Têxtil, endereço: <http://www.geira.pt/mitextil/>

Museu das Rendas de Bilros, endereço: <http://www.mrbvc.net/menu/a.htm>

Museu Nacional do Traje e da Moda, endereço: <http://www.museudotraje-ipmuseus.pt>

Parson School of Design, endereço: <http://www.parsons.edu>

Índice das Ilustrações

- 1 – Capa de *Cours de Coupe de la Mode Pratique : Pour faire soi-même ses robes, ses manteaux*), Paris : Hachette & C.^{ie}, s.d..
- 2 – Traje de Ama in *Cours de Coupe de la Mode Pratique*, ..., p. 86.
- 3 – Medidas necessárias para cortar uma camisa de homem segundo GUERRE, Madame Alice - *Méthodo de Corte : ou a maneira de qualquer senhora fazer, por suas mãos, todo o seu vestuário*, Lisboa : Empresa Literária Universal, s.d., p. 306.
- 4 – Esquema para Vestido in OLIVEIRA, F. Baptista de - *Método de Corte : A arte e a Técnica de cortar e provar o vestuário feminino e infantil* , Lisboa : Editorial «O Século», 1955, p. 319.
- 5 – Capa da obra de STAFFE, Baronesa de – *Règles du Savoir-Vivre dans la Société Moderne*, Paris : Victor-Havard Éditeur, 1891 (59.^a edição).

- 6 – Página *hors texte* da obra de HEUREUX, Marie-Anne l' (dir.) – *Pour bien s'habiller*, Paris : Pierre Lafitte & Cie., 1911, s. p..
- 7 – Ilustração da obra de AKMEN, Sevim - *O Perfeito Cavalheiro : Guia prático para todas as emergências na vida*, Porto : Edição da autora, 1949, p. 43.
- 8 – Ilustração de MEYS, Lucien incluída na obra de PRÉVOT, Florianne – *O guia do Homem Elegante*, s. l. : Marabu Notícias, 1975, p.138.
- 9 – “*Test - Quel type d'homme êtes vous?*” in obra de FAUVEL, Laurent – *Smoking, Jean et Peignoir de Soie : Guide de l'élégance masculine*, Paris : Éditions Albin Michel, 1987, pp. 14-15.
- 10 – Página de rosto de M., F. M. G. S. – *Satyra em louvor das modas ou Escudo de Peraltice*, Lisboa : Officina de Simão Thadeo Ferreira, 1783.
- 11 – Página de rosto de V., A. E. J. O. – *Relaçam coriosa Caçada de caens e gatos, que se deo a ratazana que roeu o topete à Peralta, e varios vestidos de seda, e Olanda e da morte que o bicho teve; noti-*

cia que a Peralta dá à vizinha velha : segunda, e ultima parte, Lisboa : Officina de Joze Aquino de Bulhoens, 1784.

- 12 – Página de rosto de *Nova critica em que se mostra a figura de hum Peralta*, Lisboa : Officina de Antonio Gomes, 1790.
- 13 – Página de rosto da obra *Cartas sobre as Modas*, Lisboa : Typografia Rollandiana, 1789.
- 14 – Página de rosto da obra de SEQUEIRA, João de N. *Senhora da Porta – Escola de Politica, ou Tratado Pratico da Civilidade Portugueza*, Lisboa : Impressão de Alcobia, 1828.
- 15 – Português segundo VECELLIO, Cesare - *Costumes anciens*, Paris : Éd. du Carrousel, 1999, p. 81.
- 16 – Cortesão seguindo o último édito in BLUM, André – *Abraham Bosse et la société française au dix-septième siècle*, Paris : Éditions Albert Morancé, 1924, pl. XI.
- 17 – Gravura publicada no *Punch* em 1881, Abril, 9 apud LAVER, James - *Taste and Fashion*, Lon-

dres : George G. Harrap & Company Ltd, 1937,
hors texte (pp. 82-83).

18 – Cartaz publicitando medicamento para alívio de
dores e feridas in BYRDE, Penelope – *Nineteenth
Century Fashion*, Londres : B. T. Batsford Lim-
ited, 1992, p. 173.

19 – Mapa da “Filiação Global Punks” in OBALK, H.
et alia - *Les mouvements de Mode Expliqués aux
Parents*, Paris : Robert Laffont, 1984.

Sumário

Introdução	7
Parte I - A educação na área da criação de indumentária	8
Parte II - As regras da indumentária e a formação do gosto	26
Do aparecimento das gravuras de trajes à imprensa de moda - a formação e a contra-formação do Gosto	51
Pugnando por modas Racionais e Estéticas	59
Educando os pais e demais adultos.....	67
As colecções de Moda Portuguesas, o Museu Nacional do Traje e a sua contribuição para uma educação pela Moda	69
Conclusão	77
Bibliografia	78
Periódicos	92
Endereços electrónicos	93
Índice das Ilustrações.....	95

